



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUCÉLIA ROSA PIEDADE

**O PERCURSO DE ESCOLARIZAÇÃO NARRADO POR DEFICIENTES
VISUAIS: O CASO DE GRADUANDOS/AS DA UNIFESSPA**

**MARABÁ
2018**

LUCÉLIA ROSA PIEDADE

**O PERCURSO DE ESCOLARIZAÇÃO NARRADO POR DEFICIENTES
VISUAIS: O CASO DE GRADUANDOS/AS DA UNIFESSPA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção da graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos

**MARABÁ
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Piedade, Lucélia Rosa

O percurso de escolarização narrado por deficientes visuais: o caso de graduandos/as da Unifesspa / Lucélia Rosa Piedade ; orientadora, Hildete Pereira dos Anjos. — Marabá : [s. n.], 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2018.

1. Deficientes - Educação (Superior)– Pará. 2. Ensino. 3. Educação especial. 4. Inclusão escolar. 5. Integração social. 6. Deficientes visuais - Orientação e mobilidade. I. Anjos, Hildete Pereira dos, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 378.8115

Elaborada por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

LUCÉLIA ROSA PIEDADE

**O PERCURSO DE ESCOLARIZAÇÃO NARRADO POR DEFICIENTES
VISUAIS: O CASO DE GRADUANDOS/AS DA UNIFESSPA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção da graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos

Defesa pública em 02 de novembro de 2018

Banca examinadora:

Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos (FACED/ICH/Unifesspa) – Presidente

Prof. Dr. Janailson Macedo Luiz (Faculdade de História/ICH/Unifesspa) _ Membro

Profa. Ms. Maria Célia Vieira da Silva (FECAMPO /ICH/Unifesspa) -Membro

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por mais uma etapa alcançada em minha vida. Obrigada pelas vezes em que pensei em desistir e você esteve ao meu lado me dando força, animo e crença para eu continuar lutando para chegar a esse momento. Que o senhor possa caminhar comigo nas próximas conquistas e fortalecer o meu coração com tua graça e misericórdia.

Em especial agradeço a minha orientadora Hildete pela paciência e compreensão. Obrigada por exigir de mim muito mais do que eu imaginava ser capaz de fazer. Minha gratidão eterna por compartilhar sua sabedoria, seu tempo e sua experiência.

Agradeço a toda a minha família pelas orações, especialmente a minha mãe que sempre foi o meu maior exemplo de luta e dedicação nessa vida. Não posso deixar de agradecer a minha sogra, que esteve sempre disposta a me ajudar quando precisei. Ao meu esposo pela paciência e companheirismo nos momentos mais difíceis. Agradeço a todos os meus amigos pela força e compreensão. As minhas amigas de curso em especial a Drucila, Madalena, Adrielly e Karolyne que estiveram sempre comigo nessa longa jornada.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
NEES	Núcleo de Educação Especial
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
CAP	Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual
O.M	Orientação e Mobilidade
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
SEESP	Secretaria de Educação Especial
ACEP	Associação dos Cegos do Piauí
UFG	Universidade Federal de Goiás
ICEIA	Instituto Central de Educação Isaias Alves
UFPA	Universidade Federal do Pará
UEPA	Universidade do Estado do Para
EJA	Educação Jovens e Adultos
LBI	Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência
ONU	Organização das Nações Unidas
NAIA	Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Acadêmica

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar, através dos relatos dos alunos deficientes visuais que estão hoje na universidade, quais as principais dificuldades encontradas e os apoios recebidos durante seu processo de escolarização. Para a análise, foram utilizados os escritos de Vigotski (2003,2011) com a ajuda de Nuernberg (2008). Participaram da pesquisa seis alunos com deficiência visual, com idades entre 19 a 47 anos, homens e mulheres; entre eles, quatro estão cursando uma graduação, dois já são graduados. A pesquisa foi feita na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). A metodologia utilizada se baseia no método de história de vida através de relatos orais e sua análise nas categorias vigotskianas: deficiência primária e secundária, mediação e compensação. Os resultados da pesquisa ressaltaram que a deficiência visual, dependendo do grau e das especificidades de cada deficiência, limitaram as aprendizagens dos graduandos que participaram da pesquisa. Porém as dificuldades que foram impostas, principalmente pela falta de acessibilidade e inclusão das escolas e dos profissionais que delas fazem parte, acabaram fazendo com que os próprios entrevistados não tivessem noção da causa de tais dificuldades atribuindo-as à lesão, ou deficiência primária. A pesquisa proporciona entender que a pessoa com deficiência visual é capaz de se desenvolver como qualquer outra pessoa, necessitando apenas de meios diferenciados que os levem a superar suas limitações. De modo que não se deve pensar a deficiência como condição biológica da pessoa que limita sua participação social, mas como o resultado da falta de acessibilidade e oportunidade da sociedade. Logo a deficiência está na sociedade, não nas pessoas.

Palavras-chaves: Deficiência Visual. História de vida. Ensino Superior

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 CONTRIBUIÇÕES RECENTES NO ESTUDO DA ESCOLARIZAÇÃO DE DEFICIENTES VISUAIS	12
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	18
2.1 PROCEDIMENTOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	19
3 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS	22
4 O OLHAR VIGOTSKIANO SOBRE CEGUEIRA E APRENDIZAGEM	26
5 DIFICULDADES E SUPERAÇÕES VIVENCIADAS POR DEFICIENTES VISUAIS EM SUA ESCOLARIZAÇÃO	32
5.1 DEFICIÊNCIA PRIMARIA.....	34
5.2 DEFICIENCIA SECUNDARIA	37
5.3 MEDIAÇÃO	42
5.4 COMPENSAÇÃO	43
CONCLUSÕES	47
REFERÊNCIAS.....	49
Apêndices.....	53

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema de escolarização narrados por deficientes visuais surgiu de um trabalho de pesquisa desenvolvido na disciplina Educação de Pessoas Cegas e com Baixa Visão, no Núcleo de Educação Especial da Faculdade de Ciências da Educação (NEES/FACED) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Nessa pesquisa, através de relatos das experiências de pessoas com deficiência visual em seu processo de escolarização, pude compreender as diferentes dificuldades encontradas durante o seu processo escolar; contudo, essas dificuldades e limitações não impediram os entrevistados de conquistarem sua graduação como também, em alguns casos, a pós-graduação.

Assim, os resultados dessa pesquisa me fizeram refletir que os alunos com deficiência visual também têm autoridade para discutir sobre a inclusão. E através dessa oportunidade, me questionei qual a concepção desses alunos sobre sua escolarização? Assim, considero importante ouvir o aluno deficiente visual sobre suas experiências educacionais, pois são testemunhas das dificuldades e oportunidades vivenciadas, assim como das práticas inclusivas, observadas ou não nesse processo. Busquei realizar novas entrevistas com pessoas com deficiência visual, acadêmicos da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, extraindo suas experiências escolares, com o objetivo de identificar as dificuldades encontradas e os apoios recebidos nesse processo, analisando suas concepções sobre sua inclusão na escola regular e assim, através desse trabalho, colaborar com caminhos para a uma educação mais inclusiva.

Mendes (2006), considera a Educação Inclusiva uma ação que leva à efetivação da igualdade de oportunidades e exclusão de barreiras que levam a restrição no ensino. Nesse sentido, as escolas precisam atender todas as pessoas com deficiência sem diferença de aprendizagem.

No Brasil, os direitos das pessoas com deficiência no sistema educativo estão garantidos nas políticas educacionais em vigor. Porém as dificuldades para uma inclusão mais efetiva são claras quando vemos a realidade das escolas em não oferecer as adequadas condições para que o aluno tenha os recursos e as práticas pedagógicas que atendam às suas necessidades educacionais especiais e com isso elas acabam reproduzindo a exclusão ao invés da inclusão. As dificuldades encontradas no processo de inserção e permanência do aluno deficiente na escola são várias que muitas vezes acabam levando a exclusão.

A deficiência visual nem sempre foi tão presente e inclusiva no âmbito educacional. O fato de os deficientes visuais estarem ganhando cada vez mais espaços nas instituições de ensino é matéria nova, embora o assunto não seja tão novo.

O Brasil conta com 184,1 mil escolas de educação básica, sendo que 61,3% são escolas municipais, 16,6% são estaduais e 21,7% são da rede privada. O número de matrículas de alunos de 4 a 17 anos com deficiência na educação básica cresceu substancialmente nos últimos anos, e, além disso, o percentual de alunos dessa faixa incluídos em classes comuns passou de 85,5% em 2013 para 90,9% em 2017. O percentual de alunos que estão em classes comuns e que tem acesso ao atendimento educacional especializado (AEE) também subiu, passando de 35,2% em 2013 para 40,1% em 2017 (INEP, 2017).

Embora tenha ocorrido um aumento nas matrículas de alunos com deficiência no ensino regular estando em concordância com a política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, é válido considerar que nem sempre o ingresso do aluno deficiente visual nas instituições de ensino é acessível. As dificuldades ainda são grandes, as escolas não estão preparadas para receber o aluno deficiente visual. Considerando que a maioria desses alunos estão sendo matriculados na escola comum, cabe nos questionar como esse processo de inclusão está acontecendo, contudo, ressalta-se que a inclusão não acontece apenas com a matrícula desses alunos, pois apenas a entrada na escola não garante sua permanência, é preciso práticas pedagógicas significativas que atendem as necessidades especiais desses alunos. O direito a educação definido nas políticas educacionais e legislações requer não apenas o acesso, mas a permanência e o ensino qualificado de todos os alunos. É portanto, fundamental que os problemas referentes a educação inclusiva sejam discutidos e encarados de frente pelos poderes públicos, em todos os seus níveis, como obrigação que deve ser cumprida.

Assim, será que a pessoa com deficiência visual está vivendo de fato a inclusão no sistema público de ensino? Como tem sido realizada a inclusão do deficiente visual na escola regular? Qual a concepção do aluno deficiente visual sobre a escola durante sua experiência educacional? Por meio de relatos dos alunos com deficiência visual, é possível conhecer as conquistas e dificuldades encontradas durante sua experiência educacional e analisar suas concepções sobre a escola. Neste momento são essas as inquietações que movem esta pesquisa, organizadas na seguinte pergunta de pesquisa: como o aluno deficiente visual que chegou ao ensino superior narra sua experiência de escolarização? Desse modo, o objetivo geral é analisar através dos relatos dos alunos deficientes visuais que estão hoje na universidade, quais as principais dificuldades encontradas e os apoios recebidos durante seu

processo de escolarização. Para fazer essa análise, me amparo nos escritos de Vigotski (2003,2011) sobre a deficiência visual, com a ajuda dos estudos de Nuernberg (2008). Os objetivos específicos são: a) identificar quais as dificuldades presentes no decorrer do processo escolar; b) identificar e compreender as dificuldades ocasionadas pela deficiência primária; c) identificar e analisar as dificuldades ocasionadas pela deficiência secundária; d) identificar e analisar os processos de mediação; identificar e analisar os processos de compensação.

Na primeira seção, faço uma revisão de literatura utilizando autores que tratam sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência visual, a qual me fizeram ter os primeiros contatos com os assuntos para essa pesquisa. Na segunda, trato dos aspectos teóricos metodológicos da pesquisa que se baseia no método de história de vida que Segundo Glat e Pletsch (2009), trata-se de uma metodologia que nos permite conhecer a experiência pessoal dos sujeitos e nos sugere estudar e compreender as histórias dos indivíduos, através de uma análise de fatos relatados sobre as dificuldades que eles enfrentaram, no ambiente social. A terceira seção apresenta um breve histórico sobre a educação do deficiente visual, desde as primeiras escolas para os cegos até as conquistas de direitos sociais. Na quarta seção trato sobre a cegueira e aprendizagem baseada nos estudos de Vigotski. Na quinta seção apresento a análise dos relatos dos alunos que participaram desse estudo, organizando as dificuldades e apoios recebidos através das categorias vigotskianas: deficiência primária e secundária, mediação e compensação.

1 CONTRIBUIÇÕES RECENTES NO ESTUDO DA ESCOLARIZAÇÃO DE DEFICIENTES VISUAIS

Após uma busca por literatura que contribuísse para o bom desenvolvimento desta pesquisa foram encontrados os seguintes trabalhos: Santos (2007); Montilha et al. (2009); Nunes e Lomônaco (2010); Bazon (2012); Rodrigues e Chaves (2012); Vilaronga e Caiado (2013), Fernandes (2017). A busca foi feita pelas bases de dados Scielo e Google Acadêmico utilizando como as palavras chaves: educação especial; educação inclusiva; deficiência visual; histórias de vida. Os autores selecionados relataram experiências escolares e inclusão de alunos com deficiência visual.

Em um estudo realizado por Santos (2007) foram analisadas as concepções dos alunos deficientes visuais sobre a escola e adaptações curriculares. A pesquisa foi feita no Instituto Central de Educação Isaías Alves, em Salvador, com quatro alunos cegos que cursaram o terceiro ano do ensino médio. A autora buscou identificar durante o processo de escolarização desses alunos, as condições que lhes foram dadas, as conquistas e impasses. A autora verificou, nos resultados, a importância da relação professor da classe regular e aluno para o ensino e aprendizagem, assim como a atitude segregadora do professor em considerar que os alunos fizessem atividades apenas entre os iguais, limitando assim a capacidade do aluno. Os resultados sobre a relação do professor de apoio com o professor da sala regular, apontaram uma boa relação desses profissionais, porém o professor de apoio mostrava maior interesse pela aprendizagem do aluno.

Sobre as adaptações curriculares, foi constatada a inexistência de práticas que atendessem às necessidades dos alunos com deficiência visual, como por exemplo o atraso nas adaptações de material em braile que nem sempre chegava a tempo para o aluno fazer sua atividade junto aos demais colegas e a falta de tempo maior para a realização das atividades e avaliações (SANTOS, 2007).

Ainda de acordo com o estudo de Santos (2007), a respeito das aulas ministradas na escola regular, foi constatada a dificuldade dos alunos deficientes visuais em acompanhá-las por conta do barulho, e falta de clareza do professor na explicação dos assuntos. O barulho, portanto, pode dificultar a aprendizagem do aluno deficiente visual uma vez que esses têm a audição como um sentido que auxilia na sua aprendizagem.

Sobre a realização das atividades escolares, a autora constata que a maioria dos alunos deficientes não faziam as mesmas atividades dos demais colegas por falta de interesse do professor, por não se sentirem preparados para isso. Para que os professores de deficientes

visuais estejam devidamente preparados, deve-se investir em capacitação dos mesmos para esse tipo de educação.

Outro ponto negativo quanto à educação da pessoa com deficiência na pesquisa de Santos (2007), foi a possibilidade do professor, por falta de preparo, adotar procedimentos educacionais considerando apenas as formas de aprender do vidente. Santos (2007), nos dá exemplo disso nos resultados de sua pesquisa onde aponta que os alunos tiveram dificuldade nas disciplinas de Química, Física e Matemática devido a suas formulas e cálculos. Os resultados quanto aos conhecimentos adquiridos na instituição especializada, os alunos destacaram como programa mais importante a O.M. (Orientação e Mobilidade), pois o mesmo oferece independência e autonomia aos alunos para se deslocar em ambiente escolar. Diante das questões colocadas, a autora concluiu afirmando que “a inclusão do aluno com deficiência visual na escola regular traz à tona o foco central de toda prática inclusiva, que é a necessidade de romper com a cultura escolar da homogeneização e padronização, aspectos que impedem o atendimento a diversidade (SANTOS, 2007, p. 102)”.

Podemos perceber que, na experiência pesquisada, a inclusão escolar aconteceu apenas com a matrícula desses alunos, não constituindo, portanto, a inclusão, ou seja, o atendimento as necessidades educacionais especiais dos alunos.

Montilha *et al.* (2009), estudaram as percepções de escolares com deficiência visual em relação ao seu processo de escolarização. A pesquisa foi realizada através de entrevista com 26 alunos de 12 anos e mais, portadores de deficiência visual, inseridos no sistema público de ensino de um município do estado de São Paulo. Verificou-se nos resultados um elevado índice de repetência dos alunos (73,1%). E dentre as dificuldades, a mais apontada pelos pesquisados foi a de ler os livros. Supondo assim pelos autores, que os alunos consideraram que a dificuldade estava na deficiência visual e não no sistema de ensino. E dentre a relação com colegas, diretor e professor, a relação com o professor, foi a mais escolhida como influente no processo de aprendizagem. Assim pode-se entender que, para esses alunos, uma boa relação com o professor lhes ajuda a compreender melhor os conteúdos escolares. Contudo, podemos perceber nessa pesquisa que esse bom relacionamento nem sempre aconteceu considerando a alta porcentagem de repetência dos alunos. Os autores constataram as percepções coerentes em relação à problemática da inclusão escolar.

Nunes e Lomônaco (2010), em seu artigo, “O aluno cego: preconceito e potencialidade” apresentam informações sobre a cegueira e os preconceitos a ela associados, e sobre o aluno cego salientando suas limitações e enfatizando suas potencialidades. O trabalho

surgiu ao perceberem a carência de trabalhos em relação ao aluno cego e suas características. Foi feito a partir de literatura teórica e de pesquisas na área.

Sobre o aluno cego na sala de aula, os autores constataram pontos em comum nos estudos apresentados, como a falta de recursos, onde a fala do professor praticamente era o único recurso para a aprendizagem do aluno cego. Segundo os autores, a linguagem é importante, porém não substitui todas as necessidades do deficiente, portanto a importância de utilizar outros materiais adaptados. Constatou também a falta de preparo do professor e falta de conhecimento sobre a capacidade de aprendizagem do cego.

Os autores ressaltaram a proposta da pesquisa que:

pensar em processos diferentes, com diferentes tempos de desenvolvimento, mas lembrando que o cego é capaz de aprender, simplesmente porque é um ser humano, ou seja, um ser de aprendizagem. Isso quer dizer que pais, professores e profissionais devem facilitar e possibilitar ao máximo tal aprendizagem (NUNES E LOMÓNACO, 2010, P.63).

Bazon (2012), no seu estudo intitulado “Escolarização de alunos com deficiência visual: elaboração e utilização de materiais didáticos como recursos pedagógicos inclusivos”, teve por objetivo elaborar materiais didáticos adaptados para o ensino de alunos com deficiência visual e avaliar sua utilização como recurso didático inclusivo. Os materiais visaram o atendimento das disciplinas de Biologia e Química em nível médio e para uso na rede regular de ensino. A pesquisa foi feita nos municípios de Araras (SP) e Alfenas (MG) e seguiram abordagem qualitativa de pesquisa. Todos os materiais elaborados foram testados e avaliados por alunos com deficiência visual, professores universitários e professores de educação especial. Nos resultados, todos os sujeitos da pesquisa consideraram os materiais que foram elaborados adequados para serem utilizados pelos alunos com deficiência visual.

A autora constata na sua pesquisa, que é pela falta de conhecimento sobre as necessidades perceptuais de alunos com deficiência visual e principalmente por falta de materiais adequados para a explicação e experimentação de conceitos importantes em suas disciplinas que os professores encontram dificuldades na sala de aula. Por fim a autora conclui dizendo que “para que a compensação social possa ocorrer inserida na prática pedagógica, os estudantes com deficiência precisam beneficiar-se do uso de recursos especiais, tais como materiais didáticos e formas de mediação pedagógica que favoreçam a apropriação do conhecimento acumulado socialmente” (BAZON, 2012, p. 21).

Rodrigues e Chaves (2012), em sua pesquisa “O deficiente visual e o ensino superior no Piauí na perspectiva de alunos cegos”, analisaram o processo de inclusão e permanência no ensino superior na década de 1980 do século XX, na Universidade Federal do Piauí (UFPI). As autoras tiveram como objetivo refletir e investigar na perspectiva do aluno cego, como se

deu a iniciação dos primeiros cegos no ensino superior, além de fazerem um breve histórico com o movimento inclusivo no ensino superior, nos anos 2000. A metodologia desenvolvida foi a abordagem qualitativa, de natureza explicativa. O sujeito da pesquisa foi um sujeito cego do sexo masculino, 80 anos de idade, graduado em Pedagogia pela UFPI e pós-graduado em nível de especialização em gestão escolar pela UFPI. A pesquisa foi desenvolvida na residência do sujeito participante através de entrevista semiestruturada.

As autoras destacaram que, o ingresso das pessoas com deficiência visual no ensino superior se deu após as dificuldades como: a locomoção, a precariedade do transporte público, o apoio técnico especializado e a falta de materiais adaptados, as quais impulsionaram a organização de um movimento de luta no estado do Piauí, e resultou na Associação dos Cegos do Piauí (ACEP), que atua como facilitadora para acessão da vida social dos sujeitos, com perspectiva de melhores oportunidades. Segundo as autoras, destacava como obstáculo na Universidade Federal do Piauí (UFPI) o posicionamento dos professores que justificaram não terem formação para atuarem com alunos com esse tipo de deficiência. Diante disso os alunos trancavam as suas matrículas, visto que a universidade não tinha estrutura para prestar os serviços aos alunos e nem mostrava preocupação em atendê-los. A permanência desses alunos dependia da ACEP, que tornava a participação efetiva da inserção da pessoa com deficiência visual, nos sistemas educacionais.

As autoras perceberam a falta de acessibilidade nas universidades para a pessoa com deficiência, quando analisaram as condições da Universidade Federal do Piauí na década de 1980 com os resultados de pesquisas de outras faculdades como a da PUC-Campinas, constatando, portanto, que a inadimplência também cabia a outros estados. Logo, a instituição superior não cumpria com a inclusão desses alunos, ficando esses como responsáveis indiretamente pela sua inclusão. As autoras concluem dizendo que:

Os resultados apresentados nos mostra a dificuldade e morosidade no processo de implantação do paradigma da inclusão no ensino superior, pois nota-se que embora temos uma ampla legislação, a inclusão continua sendo feita de forma improvisada, colocando o estudante cego, algumas vezes, em situações constrangedoras, e de “eterna” superação de barreiras físicas e humanas que poderiam ser resolvidas com um desenho universal, acessível e com pessoas sensíveis a pluralidade humana (RODRIGUES e CHAVES, 2012, p. 9).

Vilaronga e Caiado (2013), em sua pesquisa “processos de escolarização de pessoas com deficiência visual” realizaram uma pesquisa de história de vida, onde as autoras ouviram as trajetórias de vida escolar e expectativas de vida de quatro alunos com deficiência visual que concluíram o ensino médio e participaram de um curso de preparação para o vestibular e que almejavam ingressar no ensino superior. O objetivo das autoras era descrever e analisar essas histórias, e concluíram dizendo que através dos relatos podem refletir sobre a educação

que estavam tendo e compactuando, visto que nos relatos dos alunos continham lembranças alegres por conta das amizades e de alguns professores prestativos, mas também lembranças tristes de alunos que se sentiam invisíveis dentro da sala de aula e que não tinham recursos para que os conteúdos fossem apreendidos.

Fernandes (2017), na sua pesquisa “Deficiência visual e inclusão na escola de ensino regular em Campina Grande/PB”, buscou avaliar as concepções de professores, funcionários e educandos sobre a Educação Inclusiva analisando o processo de inclusão de alunos com deficiência visual em uma escola de ensino regular na cidade de Campina Grande-PB. Dentre os sujeitos da pesquisa estavam três alunos deficientes visuais, oito professores selecionados bem como três gestores da escola, sendo a entrevista feita na própria escola. Nos resultados da pesquisa o autor verificou que a falta de material didático adaptado para os alunos e que isso segundo o autor:

Se constitui num problema sério para inclusão dos mesmos, pois dificulta o acompanhamento das aulas por parte desses alunos e quando isso ocorre o processo de ensino e aprendizagem fica mais difícil de ser exercido. Considerando isto, podemos ratificar que os recursos didáticos e as tecnologias de aprendizagem adaptadas a esses alunos são essenciais na vida escolar deles, uma vez que os mesmos podem comprometer com muito mais facilidade o conteúdo e desenvolver melhor seu desempenho no desempenho do educando (FERNANDES, 2017, p.16).

Apareceram também, como resultados da pesquisa, a falta de capacitação de professores, que afirmaram não se sentirem preparados para lidar com os educandos com necessidades especiais em sala de aula.

O autor constatou que a escola era uma instituição segregada, pois durante o intervalo os alunos deficientes visuais eram levados para centro de apoio, não havendo, portanto, relação com os demais colegas. O autor constatou também a existência de preconceito de alguns colegas e da escola quando esta separa os alunos na hora do intervalo. Sobre isso o autor destaca que:

É de extrema importância o desenvolvimento de estratégias para que o aluno com deficiência visual possa utilizar suas formas perceptivas no processo de ensino e aprendizagem superando as dificuldades impostas pela cegueira e através do contato com os colegas visuais, também, construir conhecimentos e desenvolver mecanismos que concretize a inclusão [...] (FERNANDES, 2017, p. 18).

Na pesquisa de Fernandes, a relação professor e aluno para o processo de ensino e aprendizagem, pouco aconteceu com significativa relação de ensino/aprendizagem, na qual reconhece o educando com deficiência visual capaz de aprender e construir conhecimentos. O autor concluiu na sua pesquisa que nessa escola, a inclusão não é garantida.

Todos os autores desta revisão de literatura destacam a importância de uma escola inclusiva que atenda às necessidades do aluno deficiente visual. Os problemas de escolarização apontados acima se referem à falta de preparo das instituições de ensino em que esses alunos estavam estudando, pois não houve a necessária adaptação dos recursos didáticos

para potencializar a aprendizagem desses alunos, nem práticas pedagógicas que atendessem as suas necessidades.

No que se refere a uma proposta de educação inclusiva não se tem uma fórmula para seu sucesso. Investir na formação de professores para esse tipo de educação é fundamental para que a escola inclusiva alcance os objetivos que ela propõe ao aluno deficiente.

As leituras acima foram úteis para esse trabalho, pois pude ter o primeiro contato com assuntos relacionados a minha pesquisa, e através delas continuar acreditando na relevância de mais pesquisas nessa área. Através de relatos dos próprios sujeitos como apresentados adiante podemos enxergar as experiências e dificuldades que alunos com deficiência enfrentaram ou enfrentam no seu processo educacional e identificar o que necessita melhorar na educação de pessoas com deficiência visual. É possível também refletir sobre a importância de uma escola ser inclusiva, não apenas no sentido do acesso dos alunos com deficiência nas salas de aula, mas inclusiva na sua totalidade, que saiba conviver com as diferenças, sem a existência de preconceitos, com adaptações, ações e procedimentos pedagógicos que possam atender as reais necessidades educacionais de cada aluno, dando oportunidade de aprendizagem, auxiliando-os no desenvolvimento do seu processo de escolarização e garantindo o direito de todos à educação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A oportunidade de ouvir os relatos de alunos com deficiência visual a partir do seu próprio ponto de vista, e a possibilidade de conhecer as suas experiências educacionais e aprender com a reconstrução de suas histórias, foi o que me levou a escolher o método dos depoimentos orais temáticos como procedimento metodológico da pesquisa, que segundo Caiado (2003), é uma modalidade da história oral, usando fontes primárias utilizadas em pesquisas que buscam o resgate da memória coletiva. “Toma-se, assim, a história de vida como uma unidade de análise reveladora da relação entre o social e o indivíduo. História de vida que expressa as possibilidades históricas concretas de aquela vida se constituir” (CAIADO, 2003, p. 45). Para a autora, “refletir sobre a escolaridade do aluno cego é refletir sobre as diferentes trajetórias que os alunos cegos podem percorrer em nosso país, a partir das condições sociais que estão colocadas para a sua família” (p. 45).

Segundo Glat e Pletsch (2009), o método da história de vida vem ganhando espaço nos estudos no campo da educação especial. Trata-se de uma metodologia que permite observar as pessoas como seres sociais, ou seja, seres que se constituem na relação com o outro. Segundo elas, esse método nos permite conhecer a experiência pessoal dos sujeitos; nos sugere estudar e compreender as histórias dos indivíduos, através de uma análise de fatos relatados sobre as dificuldades que eles enfrentaram no ambiente social.

Glat e Pletsch (2009), destacam os relatos de história de vida do sujeito, como fontes de dados, sem analisar outros meios para dar veracidade aos fatos. Nesse sentido o pesquisador não precisa se preocupar com a veracidade das informações, deve focar a atenção na narrativa do autor, pois o objetivo não é a busca da verdade e legitimidade dos depoimentos e sim a opinião e impressões sobre o mundo e experiência vivida do entrevistado. Logo, essa metodologia foca na narrativa dos entrevistados.

Silva *et al.* (2007), destacam, em seu artigo “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida”, as características do método de história de vida. Segundo eles é um método que está incluído dentro da metodologia qualitativa, na qual a relação entre pesquisador e pesquisado é uma característica importante. Seu objetivo é entender o mundo ao qual o sujeito está inserido, a partir das suas próprias narrativas. Os procedimentos iniciam pedindo ao sujeito que conte sua história, da maneira que achar melhor, sem interrupções do pesquisador. Através do método de história de vida, temos acesso as experiências vividas pelo sujeito, ligado à conjuntura social onde ele está inserido.

Dias (2008), defende a pesquisa (auto) biográfica, uma vez que a narrativa dos percursos de vida segundo Dias e Engers ,(2005, p. 510), “provoca mudanças no modo como os sujeitos compreendem a si próprios e aos outros. Ao narrar suas vivências, eles estão fazendo a reconstituição de significados dos fatos e experiências, consideradas as mais importantes de suas vidas” (*apud* DIAS, 2008, p. 89). Para a autora, a linearidade da escrita da história carrega uma rede de relações, e não afasta o contexto de uma vida. Histórias que além de palavras são contadas carregadas de expressões como gestos, olhares, tom de voz, pensamentos duradouros, etc.

Portanto, o método escolhido é favorável para essa pesquisa, pois ao trazer a voz desses sujeitos, nos possibilita conhecer o que eles têm a dizer sobre suas vidas, sobre suas experiências educacionais, sobre seus desejos, quais as lembranças que carregam da escola e demais integrantes de seu convívio, sob o seu próprio ponto de vista. E assim, através dos relatos possibilitar condições que favoreçam o seu desenvolvimento.

2.1 PROCEDIMENTOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

A pesquisa foi desenvolvida no Núcleo de Educação Especial (NEES), vinculado à Faculdade de Ciências da Educação (Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará). O primeiro passo foi a busca por graduandos e graduandas com deficiência visual que iriam fazer parte da pesquisa para coleta de relatos de experiências.

O contato com os sujeitos foi por meio de funcionários das faculdades da universidade que informaram da presença de pessoas com deficiência visual na universidade. Ao encontrá-los, foram informados do interesse em entrevistá-los e do objetivo da pesquisa, sendo que todos se dispuseram a participar da pesquisa. Na sequência foi agendada a data para a gravação dos relatos com cada pessoa. As entrevistas foram realizadas nos espaços da própria universidade.

Participaram da pesquisa seis alunos desta mesma instituição com idades entre 19 a 47 anos, homens e mulheres; entre eles, quatro estão cursando uma graduação, dois já são graduados. Dentre eles, dois já nasceram cegos e quatro perderam ou estão perdendo gradativamente a visão. Dentre os motivos da perda da visão ou baixa visão estão retinose pigmentar, degeneração macular da retina, rompimento da córnea, catarata, Stargardt, glaucoma congênito.

Evelyn¹: tem 19 anos, é graduanda em direito, tem baixa visão; Rosa tem 22 anos, é graduanda em Ciências Biológicas e tem baixa visão; Patrick tem 37 anos, formado em pedagogia e direito pela UFPA, Mestrando em Educação Especial e tem baixa visão; Renato tem 33 anos, graduado em Ciências Sociais e Química, é cego; casado e tem quatro filhos; Fernanda tem 19 anos, graduanda em Pedagogia e tem Baixa visão; Mario tem 47 anos, é graduando em História e é cego.

Sintetizo os dados de descrição dos sujeitos no quadro abaixo:

Quadro 1: Participantes da pesquisa

Nomes	Idade	Formação	Deficiência
Evelyn	19	Graduanda em Direito	Baixa visão
Rosa	22	Graduanda em Ciências Biológicas	Baixa visão
Patrick	37	Pedagogo, bacharel em Direito. Mestrando em Educação Especial	Baixa visão
Renato	33	Graduado em Ciências Sociais e Química	Cego
Fernanda	19	Graduanda em Pedagogia	Baixa visão
Mario	47	Graduando em História	Cego

Fonte: Pesquisa de campo, (2018)

Para realização da coleta dos dados foi utilizado um aparelho de gravação que possibilitou o registro das falas na íntegra. A entrevista foi gravada sem roteiros, deixando os participantes da pesquisa livres para relatarem sua história da maneira como achassem melhor e duraram em média 1 (uma) hora cada.

De acordo com Glat e Pletsch (2009):

O procedimento básico de coleta de dados no método de História de Vida consiste em uma entrevista aberta, isto é, sem um roteiro pré-determinado, na qual se pede ao sujeito para falar livremente sobre sua vida, um determinado período ou aspecto dela. A partir de suas colocações, o entrevistador pode formular novas questões ou tecer comentários para esclarecer ou aprofundar determinado ponto, porém a direção

¹. Utilizo pseudônimos na identificação dos sujeitos para garantir seu anonimato e preservar sua intimidade.

da conversação e os tópicos a serem abordados são escolha espontânea do entrevistado. (p. 142).

Santos afirma, apoiando-se em Meihy (1998), que “a história oral se configura na dinâmica da gravação, transcrição, retorno da transcrição aos narradores e análise do material transcrito” (SANTOS, 2007, p. 72).

Logo após as gravações, as entrevistas foram transcritas exatamente como nos áudios para manter a originalidade e logo após a escrita foi feita a textualização das histórias, transpondo o texto original, que está na forma oral, para a forma escrita para que posteriormente eu pudesse realizar a leitura. Após isso, os textos foram enviados para cada entrevistado da história para tomarem conhecimento e confirmação daquilo que foi gravado, autorizando a utilização na pesquisa.

Na leitura dos relatos, identifiquei alguns dispositivos que me fizeram organizá-los agrupados em categorias de análise, baseadas nas leituras da teoria vigotskiana. Sendo assim, chego à divisão das categorias a partir da seguinte ordem: 1) deficiência primária; 2) deficiência secundária; 3) mediação; 4) compensação. As categorias, ainda que oriundas da teoria adotada, não estavam previstas antecipadamente, foram surgindo à medida em que eu lia, e analisava a história contada pelos entrevistados.

3 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS

As primeiras instituições educacionais para pessoas deficientes visuais surgiram em Paris, a Escola de Abade de L'Épée e a escola para cegos fundada por Valentin Haüy, na segunda metade do século XVIII, essas instituições eram voltadas para crianças cegas e surdas em regime de internado (SANTOS, 2007). Posteriormente a escola criada por Haüy foi transformada no instituto de jovens cegos de Paris, nele os cegos utilizavam caracteres com linhas em alto relevo, o que permitia a leitura apenas de pequenos textos, e não da escrita.

No ano de 1819 o capitão do exército francês Charles Barbier apresentou um novo sistema de comunicação aos deficientes visuais no instituto, conhecido como escrita noturna, “para que soldados franceses fizessem o uso da leitura noturna de mensagens.” (MELLO; MACHADO, 2017 p. 29). O invento de Barbier chamado de sonografia apresentava um grande avanço em relação a proposta de Haüy (PIRES, 2014). O jovem Louis Braille estudante do instituto, em 1829 aperfeiçoou o invento de Barbier criando assim o Sistema Braille, um sistema de leitura perceptíveis ao tato para os cegos, que fazia uso de seis pontos de relevo sistematizando sessenta e três sinais, atribuindo a eles valores que possibilitaram a escrita, e até então vem sendo usado com a denominação de Sistema Braille em homenagem ao seu inventor (SANTOS, 2007).

O Sistema Braille foi um marco importante na história da educação dessas pessoas, pois através dele possibilitou a elas a oportunidade de ler e escrever, logo, possibilitou acesso à informação e ao conhecimento.

No Brasil, um dos primeiros registros de preocupação com a educação de pessoas cegas se deu em 1835, com o projeto de lei apresentado pelo Deputado Cornélio Ferreira França que objetivava possibilitar o ensino das letras para cegos e surdos, antes disso não havia nenhum outro sinal de interesse em relação a educação dos deficientes. No entanto, o projeto, que tinha a intenção de apresentar as primeiras letras para cegos e surdos, foi arquivado pelo conservador Diego Antônio Feijó que estava no comando do governo brasileiro na época (FRANCO e DIAS, 2014; MELLO e MACHADO, 2017).

O atendimento educacional só veio acontecer no Brasil em 1854, quando D. Pedro II decretou que fosse criada a primeira escola para cegos no Brasil, implantada no Rio de Janeiro, conhecida inicialmente como Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que com o advento da República passou a ser denominada como Instituto Benjamin Constant, a qual até 1926 era a única instituição que atendia pessoas deficientes visuais no Brasil (SANTOS, 2007; FRANCO e DIAS, 2014; PIRES, 2014; MELLO e MACHADO, 2017).

Segundo Miranda (2004), “[...] a Educação Especial se caracterizou por ações isoladas e o atendimento se referiu mais às deficiências visuais, auditivas e, em menor quantidade, às deficiências físicas.” (p. 3).

A partir de 1926 até a década de 1940 começam a surgir outras instituições voltadas para a educação e residência de pessoas deficientes visuais, aumentando assim, o número de escolas para cegos. Elas apresentavam características de escolas segregadas. Entre elas estão: o Instituto São Rafael em Belo Horizonte; o Instituto Padre Chico em São Paulo; o Instituto Santa Luzia em Porto Alegre; o Instituto dos Cegos em Pernambuco; o Instituto de Cegos na Bahia e o Instituto Paranaense dos Cegos em Curitiba, dentre outros (SANTOS, 2007; FRANCO e DIAS, 2014; PIRES, 2014).

A criação dessas instituições, foi um grande avanço para o atendimento às pessoas com deficiência, pois possibilitou maior inclusão social da pessoa cega.

Em 1945, em São Paulo, foi implantado o primeiro curso de especialização de professores para o ensino de deficiente visual no Instituto de Educação Caetano de Campos em São Paulo (FRANCO e DIAS, 2014).

Em 1946 foi criada a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, tendo como objetivo a produção e distribuição de livros em braile. Com a fundação, os deficientes visuais tiveram maiores oportunidades de estudos e aumento de perspectiva de vida. Hoje a fundação é conhecida como Fundação Dorina Nowill para Cegos (SANTOS, 2007; FRANCO e DIAS 2014; PIRES, 2014).

Na década de 1950, aconteceu em caráter experimental a presença de alunos deficientes visuais em turma regular nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Nessa última, essas experiências ocorreram nas escolas estaduais Getúlio Vargas, Marques de Abrantes e no Instituto Central de Educação Isaias Alves (ICEIA), as quais são referências no atendimento de pessoas com este tipo de deficiência (SANTOS, 2007).

Na década de 1960, com lei de Diretrizes de Bases - LDB, nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, é garantido a educação da pessoa com deficiência integrada ao sistema de ensino regular. Porém, ficou só no papel, pois o estado não tornou isso possível ficando assim, essas pessoas sendo atendidas por instituições privadas subvencionadas pelo governo (FRANCO e DIAS, 2014).

Em 1969, é aprovado o Decreto-Lei interministerial de nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, que trata do direito à educação e o regime excepcional de classes especiais, enfatiza que a educação é para todos e o direito à classe especial no Brasil e de sua equivalência (MELLO e MACHADO, 2017).

Na década de 1970, ocorre um marco importante no avanço da educação especial, especificamente em 1973, quando o Ministério da Educação cria o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) responsável pela melhoria do atendimento de pessoas com deficiência em todos os níveis educacionais ampliando assim o atendimento e integrando essas pessoas na sociedade (FRANCO e DIAS, 2014).

Foram registrados grandes avanços na conquista de direitos da pessoa com deficiência, porém, foi na década de 1980 que o modelo de educação especial começou a ser revisto. A integração social ganha impulso com os movimentos sociais pela luta dos direitos dos deficientes. E as mudanças sociais foram aparecendo em outros setores e contextos. Assim, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, estabelece o atendimento aos indivíduos que apresentam deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (MIRANDA, 2004). Logo, pode-se afirmar que a Constituição de 1988, assegurou a todos o direito pela educação, assegurando assim o atendimento educacional de pessoas com deficiência.

Em 1990, a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, passa a se chamar Fundação Dorina Nowill, em homenagem a sua fundadora Dorina Gouveia Nowill pelo trabalho empenhado com pessoas deficientes visuais. Continua sendo, nos dias atuais, referência na produção de livros em braile (SANTOS, 2007).

É criada em 1992, na estrutura do Ministério da Educação, a Secretaria de Educação Especial (SEESP), que passa a ser uma secretaria responsável por desenvolver políticas públicas na área da educação especial (MELLO e MACHADO, 2017).

Em 1996, é publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que trouxe avanços significativos na compreensão da transição da integração para inclusão escolar. Nesta é tratada, pela primeira vez (em seus Artigos 58, 59 e 60) a questão do acesso, permanência, atendimento e inclusive modalidade curricular (BRASIL, 2018a).

Em 2008, a Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC) lança o documento Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a qual vai orientar os sistemas de ensino, de acordo com as diretrizes propostas pelo documento, dentro as quais, a elaborarem planos de educação; a priorizarem a inclusão de crianças com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento; a substituírem as classes especiais pelas salas de recurso multifuncionais; a desenvolverem trabalho colaborativo reflexivo entre os professores e demais profissionais da educação; a socializarem experiências educacionais, entre outras indicações (BRASIL, 2018b).

Em 2015, depois de um longo caminho a ser percorrido, é aprovada a Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). A referida lei assegura e promove, em condições de igualdade, o acesso a garantias e direitos para as pessoas com deficiência em todas as áreas visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL 2018c). A LBI foi baseada nas medidas estabelecida pela Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, da Organização das Nações Unidas (ONU) e principalmente na carência de serviços públicos existentes no Brasil e nas demandas da própria população (GABRILLI, s/d.). A LBI no seu artigo 2º considera a pessoa com deficiência “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. Logo, a deficiência é entendida como o resultado da interação das barreiras impostas pelo meio com as limitações de natureza física, mental, intelectual e sensorial do indivíduo.

Nessa lei, pode-se destacar como avanços para a educação a proibição da recusa de matrícula de crianças e adolescentes com deficiência no ensino regular, inclusive na educação privada e a proibição da cobrança de valores adicionais em matrículas e mensalidades de instituições de ensino privadas. A recusa de matrícula desses alunos passou a configurar crime, punível com multa e detenção para o responsável. A lei também trouxe uma série de crimes caracterizados como preconceito contra pessoas com deficiência em diversas situações.

Percebe-se que foram muitas as etapas percorridas pelas pessoas com deficiência para terem direitos garantidos, e principalmente, para serem reconhecidas como pessoas que se desenvolvem normalmente como qualquer outra pessoa, apenas utilizando-se de recursos diferenciados. Porém, mesmo com direitos contidos nos documentos legais na área de educação especial, a descrença na capacidade e na competência do aluno com deficiência, dificulta que mudanças sejam feitas no processo de ensino no sentido do direito integral à escolarização.

4 O OLHAR VIGOTSKIANO SOBRE CEGUEIRA E APRENDIZAGEM

Analisar sobre a escolarização de alunos deficientes visuais requer uma reflexão histórica da concepção da sua deficiência e de sua educação. Nesta seção utilizei os estudos de Vigotski (2003) com a ajuda de Nuernberg (2008) e Caiado (2003) para discutir a contribuição vigotskiana sobre as relações entre cegueira ou baixa visão e aprendizagem.

Historicamente, os cegos eram vistos como pessoas sofridas que vivem em eterna escuridão, em alguns casos preconceituosamente como inúteis ou possuidores de poderes sobrenaturais, porém Vigotski (2003) compreende a cegueira não apenas como uma deficiência, mas como uma condição que origina e põe em ação outras formas de desenvolvimento à pessoa cega.

Sobre isso, Vigotski (2003) discute historicamente a abordagem de deficiência visual em três períodos que ele chama de: místico, biológico e o científico ou sócio-psicológico.

No período místico, que abrange a Antiguidade, Idade Média e parte da Modernidade, a cegueira era associada a infelicidade e invalidez, nesse mesmo período, também aparece a ideia de que nas pessoas cegas se desenvolvem forças sobrenaturais e que a falta de visão pode favorecer o desenvolvimento do pensamento filosófico. As referidas ideias e visões não surgiram da experiência, mas de teorias sobre o espírito e a fé, tais pontos de vistas ainda persistem nos dias atuais quando a pessoa com deficiência visual é vista como incapaz. Dom filosófico, poderes proféticos, proximidade de Deus são capacidades provenientes de uma alma supersensível, de forças espirituais que habitam o enigma da cegueira. Essa foi a concepção de cegueira predominante nesse longo período histórico (CAIADO, 2003, p, 34).

O período biológico, corresponde ao Iluminismo (século XVIII), época de desenvolvimento da ciência, a qual substitui a visão mística, surgindo uma nova compreensão da cegueira e incorporando a pessoa cega ao ensino e aos estudos. Para Vigotski (2003) essa nova compreensão se expressou pela teoria de substituição dos órgãos dos sentidos, isto é, a falta ou mal funcionamento de um referido órgão é compensado pelo desenvolvimento mais elevado dos outros. Assim, a educação dos cegos passa a dar importância a educação dos sentidos remanescentes.

Um grande passo foi dado nesse período considerando que a pessoa deficiente visual do abandono às forças sobrenaturais passa a ser inserida ao ensino e aos estudos, possibilitando-lhes assim, o acesso à cultura. Vigotski (2003) aponta que pela primeira vez a cegueira é abordada não apenas como um defeito, mas também como um fenômeno que mobiliza novas forças e novas funções.

Vigotski posiciona-se crítico a essa teoria, e aponta estudos posteriores, que não comprovam que a deficiência, no caso a cegueira, provoca o desenvolvimento aguçado de outros sentidos como o tato e a audição. Assim, não se pode falar em substituição dos órgãos dos sentidos. Para ele, surge uma compensação sociopsicológica geral, que não substitui a função perdida, logo a expressão de substituição dos órgãos de sentido surge de maneira equivocada na fisiologia.

Ainda é comum profissionais defenderem a educação da pessoa cega priorizando apenas os sentidos remanescentes, entendendo que a possibilidade de a pessoa cega conhecer o mundo está apenas no desenvolvimento dos seus sentidos sensoriais, principalmente do tato. Com isso, a educação envolve apenas treinamento sensorial cognitivo, treinamentos das atividades diárias, da escrita e treinamento para o trabalho (CAIADO, 2003).

O período científico ou sócio-psicológico, na época moderna, a ciência teria se aproximado de uma melhor compreensão sobre a psicologia da pessoa cega. Esse período é caracterizado como uma época em que se pensa em uma mobilização completa do aparelho psíquico para compensar o funcionamento insuficiente de um órgão. É marcado pela percepção do cego como capaz de se reorganizar para compensar a deficiência visual.

Se algum órgão, devido à deficiência morfológica ou funcional, não consegue cumprir inteiramente seu trabalho, então o sistema nervoso central e o aparato psíquico assumem a tarefa de compensar o funcionamento insuficiente do órgão, criando sobre este ou sobre a função uma superestrutura psíquica que tende a garantir o organismo no ponto fraco ameaçado (VIGOTSKI, 2003, p. 77)

Nesse sentido, a compensação da deficiência passa a ser vista, de uma forma mais ampla, de reorganização complexa de toda a atividade psíquica e não apenas de substituição de órgãos dos sentidos como fornecedores de informação. Nesse período, compreende-se que qualquer deficiência não se limita simplesmente à perda da função, mas também sofre uma reorganização radical da personalidade, colocando-se em vigência, novas forças psíquicas, a fim de compensar o conflito social advindo da deficiência do órgão.

A cegueira, ao criar uma formação peculiar da personalidade, reanima novas forças, altera as direções normais das funções e, de uma forma criadora e orgânica, refaz e forma a psiquê da pessoa. Portanto, a cegueira não é somente um defeito, uma debilidade, senão também, em certo sentido, uma fonte de manifestação das capacidades, uma força (por estranho e paradoxal que seja!) (VIGOTSKI 2003, p. 73).

Nessa nova abordagem, o homem não é mais concebido apenas como indivíduo biológico. Ele, agora é um indivíduo que se constitui social e historicamente, onde a partir das relações entre os seres humanos e das suas ações sobre a natureza, ele internaliza conhecimentos (CAIADO, 2003).

Para Vygotsky (2003) a cegueira é limitadora enquanto restrição biológica, mas afirma que, socialmente, não existe limitações, pois a pessoa cega, através da palavra, pode se comunicar e apreender significados sociais. Contudo, a relação do indivíduo cego com o meio não se dá sem conflitos. Porém, segundo o autor, é pelo fato de o conflito existir que ele desenvolve forças para sua superação, visando a conquista de uma posição social.

Como uma reação do aparato psíquico, desenvolvem-se as tendências até a supercompensação. Estas tendências estão dirigidas à formação de uma personalidade de pleno valor no aspecto social, à conquista da posição na vida social. Também estão encaminhadas à superação do conflito e, portanto, não desenvolvem o tato, a audição, etc., senão que abrangem inteiramente a personalidade em seu conjunto, começando por seu núcleo interno e tendem não a substituir a visão, senão a vencer e supercompensar o conflito social, e a instabilidade psicológica como resultado do defeito físico. Neste reside a essência do novo ponto de vista. (VIGOTSKI, 2003, p. 77)

Deste modo, Vigotski (2003), afirma que a superação do defeito vai se dá através de sua compensação social, e que a utilização da linguagem é a principal fonte de compensação no desenvolvimento da pessoa com deficiência visual, sendo o principal meio para superação dos efeitos da deficiência.

O autor conclui ressaltando a importância dessa nova abordagem, centrada na busca de superação do defeito, que segundo ele deve ser sustentado com três formas de luta: a profilática social, a educação social e o trabalho social dos cegos:

A idéia da profilaxia da cegueira deve ser inculcada nas enormes massas populares. Também é necessário acabar com a educação segregada, inválida para os cegos e desfazer os limites entre a escola especial e a normal: a educação da criança cega deve ser organizada como a educação da criança apta para o desenvolvimento normal; a educação deve formar realmente do cego uma pessoa normal, de pleno valor no aspecto social e eliminar a palavra e o conceito de "deficiente" em sua aplicação ao cego. E, por último, a ciência moderna deve dar ao cego o direito ao trabalho social não em suas formas humilhantes, filantrópicas, de inválidos (como se tem cultivado até o momento), senão as formas que respondem à verdadeira essência do trabalho, unicamente capaz de criar para a personalidade a posição social necessária (VIGOTSKI, 2003, p. 87).

Portanto Vigotski vem nos mostrar que esse novo significado da compensação gera novas forças para superação de obstáculos e esse processo é importante para compreender o desenvolvimento e a aprendizagem da criança com deficiência.

Sobre o desenvolvimento e educação da pessoa com deficiência, Nuernberg (2008) aponta algumas contribuições de Vigotski que favorecem o assunto e sintetiza em três princípios as ideias do autor tais como: Enfoque qualitativo x quantitativo; Deficiência primária x deficiência secundária e Deficiência x compensação social.

Respectivamente falando, Vigotski critica a análise quantitativa da deficiência e não concorda em medir níveis de incapacidade da pessoa com deficiência; para ele a pessoa com deficiência se desenvolve tanto quanto a pessoa sem deficiência, porém esse desenvolvimento

se dá por vias diferentes. Sobre isso, Fortes, Silva e Imaniche (2016), afirmam que podemos compreender o mundo com outros sentidos e não somente pela visão, eles citam a linguagem verbal e não verbal como exemplo, as quais são utilizadas para apresentar e informar sobre o ambiente, além de apresentação de objetos e maquetes que podem completar as informações oralmente.

Vigotski, procura investigar como se dá o funcionamento psíquico e a condição de desenvolvimento da criança com deficiência; para o autor, a qualidade de ensino que é oferecido para a pessoa com deficiência é o mais importante, haja vista que independente da deficiência essas pessoas são capazes de aprender.

Outra contribuição de Vigotski é a distinção entre a chamada Deficiência Primária e Deficiência Secundária. Para ele a deficiência primária consiste em lesões orgânicas, a deficiência propriamente dita, nesse caso a falta da visão, já a deficiência secundária são aquelas formadas socialmente, que impedem a participação social e cultural da pessoa com deficiência, sobre isso, o autor critica as formas de segregação social e educacional que são impostas às pessoas com deficiência.

Para o autor, as formas de ensino são centradas apenas na deficiência do aluno e não no seu potencial de aprendizagem, ou seja, com a descrença na sua capacidade de aprender, não são oportunizadas ao aluno deficiente outras formas de aprendizagem para que o mesmo possa superar as suas dificuldades, restringindo seu desenvolvimento e sua interação social, logo é preciso criar oportunidades de desenvolvimento (NUERNBERG, 2008, p. 309).

Diante disso, para Vigotski as possibilidades de desenvolvimento do sujeito deficiente, diante da lesão orgânica, se darão pelo que ele chama de compensação social, a qual irá compensar os limites e funcionalidade do corpo, o que não significa dizer que uma função psicológica compense a que está prejudicada. Assim, para o autor:

A compensação social a que se refere Vigotski consiste, sobretudo, numa reação do sujeito diante da deficiência, no sentido de superar as limitações com base em instrumentos artificiais, como a mediação simbólica. Por isso, sua concepção instiga a educação a criar oportunidades para que a compensação social efetivamente se realize de modo planejado e objetivo, promovendo o processo de apropriação cultural por parte do educando com deficiência. (NUERNBERG, 2008, p. 309).

Vigotski explica que a compensação social é responsável pelo desenvolvimento e se dará a partir da interação do sujeito com o meio. Nesse sentido, a educação deve criar oportunidades para que a compensação social seja realizada de forma efetiva para que o educando com deficiência se aproprie da cultura.

Sobre a educação de pessoas com deficiência, Vigotski, defende que a pessoa com deficiência se desenvolve como qualquer outro aluno, o que diferencia são as práticas

pedagógicas que são colocadas para os alunos, sem deixar o aluno com deficiência excluído desse processo.

No caso da deficiência visual, o autor nega o fato de que a pessoa cega seja compensada biologicamente através da audição e do tato, e diz que a compensação social, por meio da linguagem é o responsável pelo seu desenvolvimento, ou seja, o desenvolvimento da pessoa com deficiência que se realiza por meio da mediação com o outro, e a limitação do deficiente visual se restringe apenas ao aspecto da mobilidade e orientação espacial, ficando o seu desenvolvimento psíquico preservado. Para melhorar isso, é preciso que haja interação entre seu meio, não limitando sua aprendizagem à sua condição (NUERNBERG, 2008).

Para Vigotski:

[...] as propostas de reabilitação centradas na estimulação dos sentidos remanescentes estão longe do que deveria ser seu foco: o funcionamento psicológico superior. O desenvolvimento das funções de atenção concentrada, memória mediada, imaginação, pensamento conceitual, entre outras, deve ser a prioridade da educação oferecida a esses sujeitos, tanto no âmbito do ensino especial quanto no ensino regular (NUERNBERG, 2008. p. 313).

O autor explica que para que o objetivo da aprendizagem seja alcançado em relação aos alunos deficientes visuais, deve-se basear na mediação semiótica e social. Dessa forma as pessoas cegas desenvolvam alternativas para atuar de acordo com a realidade e a maneira como o deficiente visual aprende deve ser baseada nas mesmas oportunidades que os videntes, porém através de meios específicos de acordo com suas necessidades.

(...) o objetivo da educação de pessoas com deficiência visual deve ser o mesmo das pessoas videntes, A despeito de conquistarem esse objetivo por vias alternativas, em razão de suas necessidades educacionais específicas - como é o caso da aprendizagem da simbologia Braille para aquisição da escrita e da leitura - cabe oferecer aos educandos cegos as mesmas oportunidades e exigências que são proporcionadas ou feitas aos demais alunos (NUERNBERG, 2008, p. 314).

Logo, Vigotski nos faz pensar que nos ambientes escolares deve ser dada importância aos sentidos remanescentes além de acesso a recursos e práticas pedagógicas específicos que possibilitem o aprendizado à criança conforme suas necessidades e dificuldades; recurso e práticas que os levem a superar suas limitações para que se garantam as mesmas oportunidades de aprendizagem ao aluno deficiente visual.

Sabendo que a pessoa com deficiência visual tem uma redução na coleta das informações, porque a nossa cultura tem privilegiado os recursos visuais em detrimento dos sonoros e táteis, os profissionais da educação precisam conhecer sobre esse aluno para saberem se posicionar em relação a deficiência. Precisam aprender na convivência com esses sujeitos e criar recursos não visuais para que eles tenham acesso às informações por outras vias.

Segundo Sonza (2013), o professor deve enxergar o aluno com deficiência visual para além de alguém que tem uma diferença. Deve vê-lo em sua totalidade: alguém que tem várias potencialidades. Para ele:

É necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar no sentido de romper com estigmas e tabus enraizados na sociedade e prover a infraestrutura didático-pedagógica e de pessoal necessária para acolher e manter o aluno na classe comum de ensino, aprendendo como outro qualquer. A existência de núcleos de apoio e/ou de salas de recursos também constitui experiências que têm surtido ótimos efeitos nas instituições de ensino (SONZA, 2013, p. 89).

Fortes, Silva e Imaniche (2016), afirmam que os professores como mediadores no processo de inclusão escolar precisam conhecer e entender a deficiência do aluno, neste caso, a visual. E assim, através do conhecimento sobre a pessoa deficiente e sua deficiência, poderá mudar sua prática de ensino e olhar a sua turma de forma inclusiva.

Para Bazon (2012), ao se pensar a inserção do aluno deficiente no sistema educacional, é preciso estar atento às práticas educacionais que estão sendo desenvolvidas para atender as necessidades de aprendizagem dos mesmos. Segundo ela, “um aluno com deficiência visual necessita de recursos diferenciados em seu aprendizado, sendo necessário que a escolar esteja preparada para fornecer e utilizar estes recursos.” (p. 14)

Ainda segundo Fortes, Silva e Imaniche (2016), é fundamental para o atendimento da criança com deficiência visual a parceria, entre a escola, família, profissionais da saúde e outros recursos da comunidade, formando assim, uma rede inclusiva, e a reavaliação de práticas pedagógicas. De acordo com os autores, “o trabalho conjunto, a parceria, a troca de conhecimentos, a interação e a produção com o outro oferecem experiências sensoriais, motoras, cognitivas e sociais significativas e sociais aos alunos, independentes de serem deficientes ou não” (FORTES, SILVA e IMANICHE, 2016, p. 118).

5 DIFICULDADES E SUPERAÇÕES VIVENCIADAS POR DEFICIENTES VISUAIS EM SUA ESCOLARIZAÇÃO

Nesta seção apresento a análise dos relatos dos alunos que participaram desse estudo, organizando as dificuldades e apoios recebidos através das categorias vigotskianas: 1) deficiência primária 2) secundária, 3) mediação e 4) compensação.

Para melhor situar o leitor quanto as análises da pesquisa apresento a seguir uma breve apresentação, de modo a complementar o perfil dos participantes:

a) Evelyn

Evelyn tem 19 anos, nasceu em 1997 em uma cidade no interior do Pará. É graduanda da turma de direito da UNIFESSPA. Possui deficiência visual- baixa visão. Devido a um problema congênito vem perdendo gradativamente a visão. Sempre foi muito autodidata, aprendeu a ler e escrever em casa. Durante a infância não percebeu a deficiência visual, apenas com 15 anos de idade teve o diagnóstico de Retinose pigmentar. Relatou que até a 6ª série não enfrentou grandes problemas na escolarização, somente a partir da 7ª série com o agravamento da doença, que foi ocasionando perda visual mais intensa. Para cursar o nível superior mudou-se para Marabá com a avó. Evelyn descreveu que quer lutar pelas pessoas com deficiência para que tenham a oportunidade de sonhar alto. Acredita que será uma ótima juíza, advogada e até desembargadora, e tudo que ela quiser ser.

b) Rosa

Rosa tem 22 anos, desde que nasceu tem a deficiência visual, baixa visão. Tem miopia e nistagmo², o grau do seu olho esquerdo é cinco e meio de longe e vinte de perto, o direito não tem grau nenhum. Cursa Ciências Biológicas na UNIFESSPA e relata que se sente feliz no curso apesar de qualquer dificuldade. Rosa pouco se remeteu à memória da educação infantil. Os trechos relatados se iniciam a partir do ensino fundamental.

c) Patrick

Patrick, tem 38 anos de idade, nasceu em 1980 em uma vila que hoje é município de Bom Jesus do Tocantins no sudeste do Pará. É formado em Pedagogia e Direito pela Universidade Federal Pará. Hoje é Mestrando em Educação Especial. Tem baixa visão. Com

² Nistagmo são oscilações rítmicas, repetidas e involuntárias de um ou ambos os olhos conjuntamente, nos sentidos horizontal (de um lado para o outro), vertical (de cima para baixo) ou rotatório (movimentos circulares) que podem dificultar muito a focalização das imagens (Fonte: <http://www.abc.med.br/p/saude-dos-olhos/376010/nistagmo+o+que+e+quais+as+causas+como+e+sao+o+diagnostico+e+o+tratamento.htm>)

seis anos de idade é levado para Marabá e diagnosticado somente com problema de refração, que é uma miopia em grau alto. Com doze anos mudou-se para Marabá. Aos 21 anos a miopia é estabilizada. Em 2003, com 23 anos de idade Patrick é diagnosticado em Goiânia, no Hospital das Clínicas da UFG com degeneração macular da retina. É o mais novo dentre cinco irmãos. Atualmente já perdeu praticamente a visão de um olho, só enxerga a projeção de luz por parte do olho direito; no olho esquerdo, segundo os médicos, sua acuidade visual hoje é cerca de 10%.

d) Renato

Renato tem 35 anos, mora em Marabá há quinze anos, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em Química pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). É casado, tem quatro filhos e atualmente desenvolve o sistema marketing multinível, trabalhando diretamente com pessoas, palestras e criação de equipes. Nasceu em 1983 na zona rural, interior do município de Itupiranga. É o quarto filho do casal Manoel e Maria. Ainda pequeno foi submetido a uma cirurgia no olho esquerdo, para tentar descobrir o motivo da deficiência. No entanto, a cirurgia não teve êxito, o olho esquerdo ficou pequeno, não desenvolveu. Com oito anos, começou a ter alguns resíduos visuais, teve muitas dificuldades em receber a claridade do dia. Com a separação dos pais, no início da infância, foi morar com a avó com quem aprendeu as primeiras letras. Estudou até o sexto ano, quando ainda tinha resíduo visual, foi perdendo até ficar cego na juventude. Através de um amigo conheceu uma escola de cego em Marabá onde aprendeu o braile e após isso foi para escola regular e fez o ensino fundamental e médio. Participou ativamente dos movimentos estudantis desde o seu ensino fundamental até na universidade, e revela-se como uma liderança militante nas causas das pessoas com deficiência.

e) Fernanda

Fernanda, 19 anos, tem baixa visão, já nasceu com a deficiência que se chama Stargardt³. Graduanda em Pedagogia na UNIFESSPA. Mora em Boa Esperança, município de Marabá. Viu no curso de pedagogia uma forma para estimular a visão por ser um curso que exige muita leitura. Foi alfabetizada em casa. Almeja ser uma excelente pedagoga, e quer

³ “A Doença de Stargardt é uma doença hereditária recessiva autossômica incluída no grupo de doenças maculares degenerativas (no caso de jovens trata-se de uma distrofia), que consiste na progressiva perda da acuidade visual em diversos níveis. Foi descoberta em 1909 por um oftalmologista de Berlim chamado Karl Stargardt”. Fonte: <http://stargardtbrasil.blogspot.com.br/p/doenca-de-stargardt.html>

trabalhar na área da educação especial para ajudar as pessoas com deficiência. Planeja não só fazer essa graduação, mas fazer mestrado e doutorado. Lembra da infância com muita tristeza por perder o pai muito cedo e ter que cuidar das irmãs mais novas para a mãe trabalhar.

f) Mario

Mário tem 47 anos, é cego, graduando em História. Com a separação dos pais, foi morar com um tio no estado do Maranhão. Devido à falta de condições, não deu continuidade no tratamento da visão, e perdeu a visão do olho direito. Mario cresceu enxergando apenas vulto, que é o que lhe dá autonomia para se locomover, andar, e se deslocar de um lugar para outro. Quando criança não estudou devido à falta de educação para pessoas cegas na cidade, existindo apenas nas capitais. Voltou para Marabá no ano de 1998, e somente depois de adulto começou a estudar. Estudou o Braille durante um ano no Centro de Apoio, o CAP, depois disso, estudou todo o ensino básico na EJA. No ano de 2016, conseguiu entrar na universidade. Faz natação e hoje é recordista no nado peito, modalidade desse esporte.

Tendo apresentado melhor os participantes, sigo com as análises das narrativas por eles produzidas acerca de seu percurso de escolarização. Destaco que não se trata de uma análise do processo inclusivo em si, porque a maioria dos entrevistados teve um percurso de escolarização anterior às políticas de inclusão, vindo a encontra-las no ensino superior. O estudo da teoria vigotskiana levou-me a trabalhar com as categorias “deficiência primária”, “deficiência secundária”, “compensação” e “mediação” na organização do trabalho analítico.

5.1 DEFICIÊNCIA PRIMARIA

Com base nos estudos de Nuernberg (2008), Vigotski compreende a deficiência primária as limitações de ordem orgânica, ou seja, as consequências do defeito. Para Vigotski, o modo como a pessoa com lesão orgânica se desenvolve está relacionado ao modo como se relaciona com o seu meio social. Para ele a ausência de uma educação de qualidade, faz com que a lesão orgânica passe de uma lesão primária para a uma lesão secundária.

Ao analisar os relatos dos alunos com deficiência visual, pude observar que as dificuldades devido à lesão são diferentes de um entrevistado para outro.

Nos relatos de Evelyn, durante o ensino fundamental o defeito orgânico a limitou de acompanhar a turma na sala de aula, além de coisas que gostava de fazer na infância que hoje não consegue mais. Devido a isso, Evelyn também teve dificuldade em se aceitar como deficiente. Para ela, pedir ajuda aos professores iria deixa-la menos inteligente, pois se considerava sempre muito inteligente.

Mas quando eu entrei na 7^a,8^a série eu sentia uma dificuldade muito grande em acompanhar a turma e isso me deixou muito desestabilizada, não só pela dificuldade, mas pela dificuldade de me aceitar, de aceitar que eu estava tendo essa dificuldade e eu não queria pedir ajuda, porque eu sempre fui muito inteligente e aquilo parecia que ia me deixar menos inteligente em relação a minha turma e acho que esse foi o meu maior erro e o maior erro de qualquer pessoa, e eu não pedi ajuda e isso foi diminuindo as minhas notas (EVENLYN,2018,1.13-19).

Eu acho que a parte mais importante ou a parte mais difícil não é perder a visão, a parte mais difícil é perder o que você podia fazer. Quando eu era criança eu podia andar de bicicleta, jogar vôlei, ler um livro e hoje eu não posso, eu podia fazer tanta coisa que hoje eu não posso mais fazer (EVELYN,2018,1.60-63)

Patrick relata que a deficiência o dificultou a enxergar no quadro o que lhe causou uma grande inquietação, porém entende que suas dificuldades enfrentadas não eram pela deficiência orgânica, mas por barreiras encontradas na sociedade como ele relata:

Na segunda série, causou uma grande inquietação a maneira como eu me comportava em sala de aula por conta do problema de visão, grande inquietação da professora porque eu não conseguia sentar e escrever o conteúdo do quadro, eu ia lá tirava uma letra, anotava no caderno, ficava esse vai e vem do quadro para a cadeira.(PATRICK, 2018, 1.3-7)

Mas de fato não é esse o problema que fez com que surgissem posteriormente barreiras de acesso à informação, de acesso ao ambiente externo, de acesso ao meio social, não foi à miopia que impediu porque com óculos a miopia estava corrigida.(PATRICK, 2018, 1.15-18).

Renato também relata da dificuldade de enxergar do quadro devido a deficiência:

Na década de noventa, fui para a escola. Me matriculei, não fiz a primeira a série e sim a segunda pois estava avançado nos estudos. Lembro que fiz até o sexto ano, estudava e escrevia no caderno, não tinha como copiar no quadro, pois minha visão não foi 100% dependia de amigos para poder escrever no caderno. Já na sexta série, tive uma dificuldade em matemática e com isso eu não consegui ser aprovado. (RENATO,2018, 1.22-27).

Nos relatos de Fernanda, seu processo de escolarização, inicia-se em seu convívio familiar, foi alfabetizada em casa. Descreve que não teve muitas dificuldades na escola, devido ao ensino prévio que teve em casa. Fernanda, comenta que a sua dificuldade era por não conseguir visualizar no quadro. E de locomoção. Já na universidade Fernanda não sente tantas dificuldades e vem superando suas limitações.

Até os meus seis anos, eu conseguia enxergar na minha mesa, mas eu não conseguia enxergar o que estava escrito no quadro. Eu fui alfabetizada em casa, fui para escola sabendo ler e contar já, eu não tive essa dificuldade de alfabetização, e por esse motivo eu não tive tanta dificuldade. (FERNANDA,2018, 1.46-49).

Eu tenho dificuldades de atravessar a pista, eu não tenho ninguém para me trazer para universidade e nem para me levar de volta novamente, mas mesmo assim eu consigo ir e vir. (FERNANDA,2018, 1.17-20).

Ao chegar aqui na universidade, já facilitou, porque eu achei que ia ser difícil como o ensino básico e não foi. Já estou há um ano e dois meses no curso de Pedagogia. Entrei no ano de 2016 e estou gostando bastante, os professores já são bem maduros e já conhecem como trabalhar com os alunos com deficiência. Eu não tenho tantas dificuldades, há pessoas que me ajudam na sala de aula, tenho um acompanhamento, isso é ótimo, porque é algo que eu não tive no ensino básico. (FERNANDA 2018, 1.12-17).

Nos relatos sobre o uso do quadro na sala de aula, pode se observar a utilização predominante desse recurso para o aprendizado ao invés de outras estratégias de aprendizado

para esses alunos. “Dada a ausência de visão, são necessárias adaptações para que as informações visuais lhes cheguem por outras vias.” (NUNES, LOMÔNACO, 2010, P 62).

Rosa também tem baixa visão, mas não sentiu a perda da visão como Evelyn, pois já nasceu com a deficiência. Comenta que teve dificuldades no ensino fundamental devido à falta de recursos como tecnologia assistiva os quais só teve acesso quando chega ao ensino superior.

Enfim, a minha vida foi bastante complicada, porque eu não ando sozinha, mas comparando o meu fundamental e meu ensino médio com a minha entrada na universidade foi muito ruim porque eu não usava essas tecnologias (Tecnologia Assistiva), eu não usava computador, eu não usava DOSVOX, eu não usava Windows NVDA. Eu nem sabia que existia, aliás, eu sabia que existia, mas não tinha nenhum contato, entendeu? (ROSA, 2018, l. 50-55).

Mário relata diversas dificuldades que uma pessoa com deficiência visual enfrenta na vida escolar comparada a uma pessoa que enxerga e enumera várias limitações que a deficiência orgânica pode causar, como por exemplo a falta da informação visual.

A vida escolar da pessoa cega é mais complicada do que para as pessoas que enxergam, porque o cego tem menos informações do que uma pessoa que enxerga, porque uma pessoa que enxerga por onde ela anda, onde sua vista alcança, consegue informações, em placas, outdoors, folhetos, então, coisas que um cego não vai encontrar no dia a dia, e na escola não é diferente, porque o cego vai precisar de um tempo a mais para poder aprender, também vai ter uma demanda de mais pessoas ao seu lado, para que ele consiga estudar, como ele é alfabetizado em Braille, os livros, os textos que os colegas estuda, ele não vai ter acesso ao mesmo tempo em que o colega tem, porque tem que apanhar aquele texto na xerox e pedir para outra pessoa fazer adaptação dele, escanear e imprimir em Braille[...] (MARIO, 2018, l.38-47).

Sobre a deficiência primária, Vigotski, considera que ela é limitadora, mas que sua limitação se restringe apenas ao aspecto da mobilidade e orientação espacial, ficando seu desenvolvimento psíquico preservado. Para o autor, o importante é a qualidade de ensino que é oferecido para a pessoa com deficiência, haja vista que independente da deficiência essas pessoas são capazes de aprender (NUERNBERG, 2008).

Sobre a deficiência visual, Caiado se aproxima da ideia de Vigotski quando diz:

Não se nega que, biologicamente a cegueira é muito limitadora, porque ela impede a pessoa de se locomover, explorar novos espaços e receber informações visuais. Porém, socialmente, a cegueira não é limitadora, porque a pessoa cega, pela palavra, pela comunicação com o outro, apropria-se do real ao internalizar os significados culturais (CAIADO, 2003, p. 39-40).

Para Vigotski, uma criança com lesão orgânica não é menos desenvolvida do que outra criança tida por normal, mas, sim, uma criança que se desenvolve diferentemente, sob outros olhares, desafios e perspectivas (*apud* GARCIA, 1999, p. 2).

Portanto os sistemas de ensino devem oferecer caminhos alternativos para que os alunos com deficiência possam se desenvolver, e para melhorar seu desenvolvimento, é preciso que haja interação entre seu meio, não limitando sua aprendizagem à sua condição.

Comparando os relatos de Evelyn e Patrick, do ponto de vista da deficiência orgânica, ambos têm a mesma doença e veem perdendo gradativamente a visão, porém a dificuldade de Evelyn é a aceitação da própria doença e via a dificuldade como resultado da lesão. Já Patrick aceita essa condição e entende que suas dificuldades enfrentadas não são pela deficiência orgânica, mas por barreiras encontradas na sociedade, passando de uma deficiência primária para secundária.

5.2 DEFICIENCIA SECUNDARIA

Em todos os lugares as pessoas estão acostumadas a conviver com pessoas sem deficiência, que quando encontram com pessoas que fogem do desse padrão, causa um estranhamento e as consequências são várias, principalmente quando o assunto é voltado para a educação do deficiente visual, pois não são oferecidas oportunidades de aprendizagens que se adequem as suas necessidades já que não se enquadram no padrão imposto ficando suas oportunidades restritas.

Durante a análise dos relatos, pude constatar que todos os alunos que participaram desse estudo tiveram suas trajetórias escolares bastante conflituosas devido as barreiras encontradas, como pode ser observado nos relatos abaixo, onde os alunos relatam as barreiras educacionais enfrentadas durante sua vida escolar.

A entrada do estudante com deficiência na escola é as vezes a primeira dificuldade a ser enfrentada, como se pode observar no relato de Rosa, que teve sua matrícula recusada.

Minha vida na escolar em Goiânia, no início foi muito complicada porque eles não queriam me aceitar, eles queriam que eu fosse estudar o braille (ROSA, 2018, l.13-14).

Se observa que a recusa da entrada de Rosa na escola parte-se de uma compreensão homogeneizadora do ser humano que ignora a diferença. Hoje, as escolas não podem mais negar a matrícula do aluno com deficiência e a legislação (LBI) prevê inclusive penalidades para os envolvidos.

Rosa relata também o apoio que encontra na universidade, apoio que não encontrou no seu ensino básico:

Quando eu entrei no ensino médio.[...] Estudava pela manhã e frequentava a sala de recurso à tarde no Acy Barros toda a semana, só que, mesmo com tudo isso, os professores de lá não estavam preparados, não tinha esse acompanhamento que encontro no NAIA, onde têm um apoiador na sala que lê a prova. No ensino médio, eu mesmo lia minhas provas. Quando eu fazia simulado no ensino médio eu sofria porque eu fazia tudo em um dia só, teve uma vez que eu praticamente nem li a metade das questões porque eu não dei conta, foi muito ruim. (ROSA, 2018, l.25-32).

Evelyn relata uma experiência que teve ao fazer o Exame Nacional do Ensino Médio:

O meu Enem foi horrível, porque colocaram para ler a prova para mim uma pessoa que não tinha nenhum conhecimento de ciências exatas e como é que uma pessoa vai explicar uma prova de química ou de matemática para uma pessoa com baixa visão sendo que ela não tem nenhum conhecimento dessas matérias. (EVELYN, 2018, l.66-70).

Patrick, Renato, e Fernanda e Mario relatam o desconhecimento da escola e dos professores de como lidar com pessoas com deficiência:

Eu percebi que mesmo com óculos eu não enxergava direito, mas na época não havia muito recursos, a escola ignorava toda essa situação, ignorar que eu dig o no sentido etimológico da palavra, de desconhecimento (PATRICK, 2018, l.23-25).

E quando, em minha trajetória escolar, diante das dificuldades visuais, os professores do ensino fundamental não tinham conhecimento como lidar com pessoas com deficiência (RENATO, 2018, l.51-53).

Foi me negado, na verdade, a educação que no caso eu merecia, foi difícil, porque simplesmente eu passei de ano sem ter conhecimento algum; cheguei no ensino médio com a mesma história de não conseguir adquirir conhecimentos também (FERNANDA, 2018, l.6-9).

O cego tá com a sua máquina na sala de aula, o professor passa o ditado de palavras, então, tu escreve, o professor corrige as tarefas de todos os outros alunos, mas a tarefa do cego não é corrigida, porque o professor não sabe ler em Braille, quando ele tem ainda um tempo, se sobrar algum tempo, o cego pode ler ainda na sala, isso já aconteceu comigo, [...](MARIO, 2018, l.83-87).

Patrick e Renato relatam as barreiras atitudinais que enfrentaram nas séries iniciais e Rosa comenta a dificuldade dessa barreira na universidade.

Se observa no relato de Patrick a imposição de comportamentos homogêneos para pessoas diferentes e com necessidades educacionais diferentes.

Na época a escola era muito tradicional, muito rígida e até umas reguadas nas pernas por conta desse negócio eu peguei, apanhei nas mãos, apanhei nas pernas porque eu não ficava quieto, levantava muito para ir tirar letra do quadro enquanto os outros tiravam lá sentadinho obedecendo a professora (PATRICK, 2018, l.7-11).

No relato de Renato pode se observar que a pessoa com deficiência, numa sociedade fundada na perspectiva da homogeneização é vista como incapaz de aprender.

E antes os professores nos tratavam muito diferente dos demais da turma, não acreditavam no nosso potencial. Quando nós exigíamos uma prova ampliada, eles não sabiam como fazer e os colegas não tinham interesse (RENATO, 2018, l.55-58).

No relato de Rosa se vê a importância de uma equipe especializada no apoio ao trabalho pedagógico, no processo de ensino-aprendizagem.

No início desse período eu tive um pouquinho de problema com a professora de Química Orgânica. O pessoal do NAIA foi lá e conversou com ela e tudo, agora até melhorou mais um pouco (ROSA, 2018, l.47-49).

Renato, Evelyn e Fernanda relatam as barreiras físicas e estruturais:

O decreto 5.296 de 2004, art. 8, inciso I, considera a acessibilidade como “condição para utilização com segurança e autonomia, total ou assistiva, dos espaços, mobiliários e

equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transportes e dos dispositivos, sistemas de meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida” (BRASIL, 2018d).

Logo as instituições de ensino mesmo quando não dispõe de recursos, devem tornarem-se acessíveis conforme as demandas dos alunos, o que aconteceu para Renato quando chega no ano 2009 ao ensino superior. No seu relato, a arquitetura na universidade para atender as demandas dos alunos era praticamente nula. Sendo as melhorias, conquistas de lutas dos alunos, como se pode observar:

Levei marcas do tempo de universitário e deixei marcas. Recordo que um dia, saindo da sala, bati em uma das colunas que tem no pátio e quando me aproximei do canteiro perto da Xerox, senti algo escorrer em meu rosto, percebendo que era sangue. Uma pessoa percebeu que eu estava sangrando muito, fiquei um pouco triste com essa situação, porém não desisti (RENATO,2018, l.109-113).

A questão da acessibilidade, eu estive à frente dessa conquista, juntamente com a coordenação. Existem vários processos da questão dessa situação: as portas não eram adequadas, as rampas são ações conquistadas. Existe a Kátia, aluna da Pedagogia parceira nessa luta; além dela, existem uns quarenta e seis alunos com deficiências e eu fui o primeiro deficiente visual a entrar na universidade (RENATO,2018, l.103-108).

No entanto, apesar das melhorias estruturais com a chegada do primeiro aluno nessa universidade, as barreiras arquitetônicas ainda se fazem presente como relatam Evelyn e Fernanda que entram no ano de 2016.

Na universidade ainda falta infraestrutura para uma pessoa com deficiência, falta iluminação, acessibilidade, tem muitos degraus[...] (EVELYN,2018,l.79-80).

Na universidade deveria melhorar a acessibilidade, pois eu vejo que não há para o deficiente, e, as pessoas deveriam se conscientizar quanto a tirar as cadeiras do corredor, é o que mais se vê. Há coisas que eu não vejo, tropeço e caio. Isso já se tornou normal para mim, eu não sinto mais vergonha. Então o campus aqui tem de melhorar muito, apesar que eu não consigo andar por ele todo, mas a maior parte que eu ando, eu não sinto essa acessibilidade. Para começar, também deveria ter acessibilidade até dentro da sala mesmo, para aluno acompanhar o conteúdo, ter computadores, por exemplo. (FERNANDA,2018, l.69-76).

Nesses casos, muitas vezes os alunos acabam por se sentir excluídos, pois não encontram, ou a instituição de ensino não promove, ações para que eles possam se locomover com segurança e interagir com as demais pessoas. É necessário, portanto, que as instituições de ensino se adequem as necessidades dos alunos e proporcionem condições para que se desenvolvam.

Vigotski, diz que as deficiências secundárias são as limitações e exclusão sociais que as pessoas com deficiência sofrem causada por padrões impostos pela sociedade, ou seja, as pessoas com deficiência são excluídas pelo comportamento social, em que:

Essas limitações secundárias, portanto, são mediadas socialmente, remetendo ao fato de o universo cultural estar construído em função de um padrão de normalidade que,

por sua vez, cria barreiras físicas, educacionais e atitudinais para a participação social e cultural da pessoa com deficiência (NUERNBERG, 2008, p. 309).

Patrick explica bem o que é a deficiência secundária:

Mas o fato é que, embora o problema venha avançando (a patologia) mas nós hoje nós temos o entendimento que a deficiência não está na pessoa, a deficiência está no meio social, então o que a pessoa apresenta é uma lesão, uma patologia que, quando entra em conflitos com barreiras que estão no meio social (barreiras ambientais e atitudinais) é que surge a deficiência. A deficiência ela é a interação da lesão pessoal com a barreira ambiental ou atitudinal (PATRICK, 2018, 1.449-455).

Pensar o sujeito a partir da condição orgânica é restringir sua capacidade de interação social e de superação, logo, é necessário criar oportunidades de desenvolvimento.

5.2.1 Preconceito como principal produtor de deficiência secundária

Pude identificar que o preconceito se constrói a partir de padrões que a sociedade cria. Geralmente se acredita que a pessoa com deficiência não é capaz de certas habilidades. enxergamos como coitadinhos, incapazes. Isso fica evidenciado quando ficamos surpresos ao ver que um deficiente é capaz de certas habilidades. Essas atitudes acabam dificultando a relação da pessoa com deficiência no meio social uma vez que são vistas como incapazes.

Para Vigotski (2011), pensar na educação da pessoa com deficiência se torna dificultoso por comumente não se acreditar na capacidade dessas pessoas em se desenvolver e se adaptar ao meio, para ele “Toda a nossa cultura é calculada para a pessoa dotada de certos órgãos – mão, olho, ouvido – e de certas funções cerebrais.” (p. 867) mostrando-nos que as barreiras na realidade são impostas pela sociedade.

O olhar tradicional partia da ideia de que o defeito significa menos, falha, deficiência, limita e estreita o desenvolvimento da criança, o qual era caracterizado, antes de mais nada, pelo ângulo da perda dessa ou daquela função. Toda a psicologia da criança anormal foi construída, em geral, pelo método da subtração das funções perdidas em relação à psicologia da criança normal. (VIGOTSKI, 2011, p. 869)

Segundo Nunes e Lomônaco (2010):

Esta concepção do cego como ser faltante dificulta muito as relações sociais da pessoa cega, principalmente pelo desconhecimento de sua real condição, o que pode causar um impacto afetivo negativo, uma vez que o imaginário social está enviesado por estereótipos de limitação e sofrimento na vida do cego. O prognóstico desfavorável para pessoas deficientes, muitas vezes se baseia demasiadamente nas limitações da deficiência. Essa percepção organicista valoriza excessivamente o defeito orgânico (NUNES e LOMÔNACO, 2010, p. 62).

Evelyn relata várias situações de preconceito que ela viveu, tanto na vida familiar como na educacional.

Tentei Enem pela segunda vez e passei em direito, só que a minha família não queria que eu viesse porque falavam, “nossa, ela vai embora, como ela vai se virar em outra cidade” e isso me abalou muito, [...] (EVELYN, 2018, 1.71-73).

mas eu posso dizer que eu sou exceção, infelizmente eu sou exceção, porque, se eu converso com alguns dos meus outros colegas do NAIA [Núcleo de Acessibilidade e

Inclusão Acadêmica] que tem algum tipo de deficiência, o professor está de má vontade ou a turma está de má vontade, ficam apontando dedo, não querem ajudar, ou pensam que fica se vitimando, às vezes você não está se vitimando você tem uma deficiência. Infelizmente o que me deixa triste é ver que eu estou bem, mas tenho amigos que não estão bem aqui na universidade, e isso causa até evasão (EVELYN,2018, l.83-90).

e outra coisa que eu queria falar é que as pessoas ainda tem um estigma tão negativo de uma pessoa com deficiência, pra 90% das pessoas uma pessoa com deficiência é aquela que tá na rua pedindo esmola, que tá suja ou que tem cara de deficiente [...] como se eu precisasse está suja, como se uma pessoa com deficiência não pudesse tá na faculdade de direito, que tem que ter aquela cara de deficiente, de 'molambo' mal arrumado, esse tipo de coisa.(EVELYN,2018,l.117-120, 127-129).

Patrick e Renato sofreram preconceito por terem a deficiência visual. Patrick suportou o preconceito por causa do interesse de interagir com as pessoas, que era muito mais forte.

Em 1991, sempre sofrendo com a questão da ridicularização dos colegas por conta do uso dos óculos, foi quando começou os estigmas, a ridicularização dos colegas e a banalização, tanto que na vila ninguém me chamava pelo nome, apenas por “quatro olho”, “ceguinho”, esses estigmas, mas eu tinha necessidade de interagir com meus colegas, na verdade eu suportava tudo isso porque eu tinha interesse de interagir com eles, tanto na escola quanto fora da escola, nós éramos o mesmo grupo social, nós brincávamos de futebol e outras brincadeiras.(PATRICK,2018, l.33-40).

Eu recebia muita chacota de pessoas, que faziam de mim pelo fato de ser cego. Mesmo assim, eu consegui concluir duas universidades (RENATO,2018, l.43-44).

Renato também sofreu preconceito das pessoas e dos professores em não acreditarem que uma pessoa com deficiência teria capacidade de aprender.

E antes os professores nos tratavam muito diferente dos demais da turma, não acreditavam no nosso potencial (RENATO,2018, l.55-56).

Foi difícil mais consegui vencer, quebrar os paradigmas que as pessoas tinham de que uma pessoa com deficiência não conseguiria concluir o ensino superior (RENATO,2018, l.118-120).

Considerando Diniz (2007), não se deve encarar a deficiência visual como um isolamento ou sofrimento, pois não há sentença biológica de fracasso por alguém não enxergar. O que existe, é o desafio de afirmar a deficiência corporal como um estilo de vida, considerando que são os contextos sociais insensíveis os responsáveis pela incompreensão da diversidade.

A LBI vem para mudar o conceito de deficiência que antes era pensada apenas na condição biológica da pessoa deficiente, hoje passa a ser entendida como a falta de acessibilidade que a sociedade não oferece à pessoa com deficiência.

Em suas narrativas esses alunos mostram que, durante sua escolarização, viveram de acordo com que foi oferecido, precisaram encontrar formas de enfrentar as barreiras

encontradas, conseguindo passar pela escola com seu próprio o esforço até chegarem a universidade, que, em alguns casos, enfrentaram e ainda enfrentam algumas barreiras.

5.3 MEDIAÇÃO

Segundo Vigotski 2003, o aprendizado da criança ocorre antes mesmo da criança iniciar sua vida escolar. ou seja, através das relações sociais, com a ajuda de pessoas mais experientes.

Para o autor:

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tomam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VIGOTSKI, 2003, p. 118).

Assim, o conhecimento vai se dar de forma indireta, por meio da interação entre o ser humano e o meio. Com isso, o autor nos mostra a importância da mediação para o desenvolvimento dos chamados processos psicológicos superiores, tais como planejar ações, conceber consequências para uma decisão, imaginar objetos essenciais na obtenção de conhecimentos.

Nesse sentido, o professor é importante no processo de ensino e aprendizagem do aluno, pois vai atuar como mediador na aquisição de conhecimento do mesmo. Ou seja, os alunos vão criar de forma independente seus próprios pensamentos a partir da interação e ensinamento em sala de aula com o professor e os colegas.

Podemos observar nos relatos que a mediação aconteceu de diferentes formas:

Para Evelyn, Rosa e Renato o aprendizado aconteceu com a ajuda dos professores:

As vezes não dava para acompanhar as aulas com a minha turma, eu assistia aula com eles, mas depois eu chegava no professor e falava “eu não entendi esse assunto, você pode me dar um reforço em outro horário?” Então ele vinha comigo, me ensinava e eu conseguia me igualar aos outros, foi quando eu vi que se eu tentasse acompanhar a classe sem ajuda eu não iria aprender, e quando reconheci isso as coisas começaram a mudar para mim (EVELYN,2018, l.39-44).

Como eu só comecei a faculdade na turma de 2016, meus professores tiveram um ano para se adaptarem em relação a mim porque eu era a primeira aluna do curso com deficiência visual num curso totalmente visual, mas todos eles sempre fizeram de tudo para me ajudar.(ROSA,2018, l.38-41).

Ao cursar a universidade, se tornou mais acessível às minhas necessidades, não na parte arquitetônica, mas na parte educacional, houve a contratação de uma pedagoga para me dar apoio. Foi criado o núcleo de acessibilidade na UEPA, o NAES. Lá na UEPA, então os professores vinham e passavam um mês em Marabá e viajavam. Com isso, eu tive muito êxito, fiz amizades com todos e fui aprovado com 95% das disciplinas (RENATO,2018, l.127-132).

Patrick relata que em 1992, durante a sexta série, teve a mediação do irmão em ajudar nas tarefas da escola, o apoio da família foi essencial.

E desde então nós tocamos o barco juntos. Ele me ajudava muito, eu não tinha auxílio de ninguém, nesse momento eu poderia dizer que já tinha o auxílio da família, no caso do meu irmão, quando eu não conseguia registrar todo o conteúdo eu confiava porque ele tinha registrado e quando chegava em casa eu copiava com calma, passava a limpo, esse tipo de coisa.(PATRICK,2018, l.49-54).

Na fala de Fernanda podemos identificar a mediação do professor de natação ao ensinar os alunos como brincar com alunos deficientes.

Quando eu entrei na natação, o nosso técnico sempre tinha umas aulas com os alunos da Metropolitana, ele mostrou então como brincar com os alunos com deficiência. Foi aí que eu aprendi algumas brincadeiras que incluem o deficiente visual e outros deficientes também. Foi muito bom, na fase dos catorze anos foi melhor que minha infância (FERNANDA,2018, l.106-110).

Entreí (na universidade) no ano de 2016 e estou gostando bastante, os professores já são bem maduros e já conhecem como trabalhar com os alunos com deficiência. Eu não tenho tantas dificuldades, há pessoas que me ajudam na sala de aula, tenho um acompanhamento, isso é ótimo, porque é algo que eu não tive no ensino básico (FERNANDA,2018, l.14-17).

As interações de amizade também são importantes para que a pessoa com deficiência possa se desenvolver, ampliar seus conhecimentos e adquirir confiança para enfrentar novos desafios como foi o caso de Mario no relato abaixo:

você encontra também coisas, coisas boas, além de das amizades, as que você consegue com os colegas, e a interação, isso é um, ponto fundamental, você passa a interagir melhor com as pessoas[...] (MARIO,2018, l.124-126).

5.4 COMPENSAÇÃO

Para Vigotski (2011), o desenvolvimento e educação da criança com deficiência se dará por caminhos indiretos possibilitados pela cultura, onde a mesma vai se apropriar da cultura através de estímulos. Mostrando-nos como exemplo, o surgimento do braile e da Libras. Segundo o autor:

A criança começa a recorrer a caminhos indiretos quando, pelo caminho direto, a resposta é dificultada, ou seja, quando as necessidades de adaptação que se colocam diante da criança excedem suas possibilidades, quando, por meio da resposta natural, ela não consegue dar conta da tarefa em questão.(VIGOTSKI, 2011, p. 865)

Para ele a aprendizagem da criança ocorre quando ela encontra com obstáculos, e a partir disso, sente a necessidade de superá-los, utilizando caminhos que lhe favoreça, o que, segundo o autor, é a melhor forma para o desenvolvimento das funções superiores da criança com deficiência, pois buscam caminhos diferentes que chegam a determinadas soluções, mediando a aprendizagem com instrumentos que possibilitam a conquista da sua autonomia.

O desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade; se a criança não tiver necessidade de pensar, ela nunca irá pensar. Se

as dificuldades organizadas por nós obrigam a criança a corrigir seu comportamento, a pensar antes de agir, a tomar consciência em palavras, como diz Claparède, então acontece a situação mencionada (VIGOTSKI, 2011, p. 866).

Ele nos faz refletir sobre o que a deficiência pode causar ao aluno, que por um lado seria o obstáculo e por outro um estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos para o aluno solucionar as dificuldades encontradas e superação da deficiência.

Por um lado, ele é uma deficiência e atua diretamente como tal, produzindo falhas, obstáculos, dificuldades na adaptação da criança. Por outro lado, exatamente porque o defeito produz obstáculos e dificuldades no desenvolvimento e rompe o equilíbrio normal, ele serve de estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos de adaptação, indiretos, os quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar a deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem. (VIGOTSKI, 2011, p. 869)

Assim, apenas a falta da visão não é um impedimento para a pessoa se desenvolver. O deficiente visual pode se desenvolver como qualquer outra pessoa. Claro que, devido à limitação visual, o deficiente visual vai precisar de um ambiente diferenciado e adaptado, que dê conta de garantir a satisfação de suas necessidades, precisa usufruir de outros caminhos para conhecer o mundo.

Pude identificar nos relatos que a partir da situação de deficiência os alunos tomaram iniciativas para superar as dificuldades encontradas a partir de caminhos alternativos para compensar os limites da deficiência.

Evelyn buscou uma mediação dos professores para superar as dificuldades em entender a disciplina e a partir disso ela tem um processo de compensação, ela saiu do lugar de pessoa incapaz e passou para o lugar de pessoa que coordena o processo de ensino.

Quando eu entrei no ensino médio comecei a sentir uma dificuldade muito maior, então eu falei: “eu tenho que pedir ajuda, preciso de ajuda” então fui pedir ajuda, eu cheguei nos meus professores, principalmente nos professores de ciências exatas e falei: “vocês precisam me ensinar de outra forma, me ensinando dessa maneira eu não estou entendendo, estou empurrando com a barriga” e eu ia ensinando eles a me ensinar e as minhas notas começaram a melhorar (EVELYN, 2018, 1.24-29).

Rosa e Patrick encontraram na universidade recursos tecnológicos que os ajudaram a compensar suas dificuldades em ler os livros.

Quando eu entro na faculdade, comecei a usar a tecnologia (tecnologia assistiva) que é o DOSVOX⁴, no computador o Windows NVDA⁵ com isso, minha vida

⁴ “O DOSVOX é um sistema para microcomputadores da linha PC que se comunica com o usuário através de síntese de voz, viabilizando, deste modo, o uso de computadores por deficientes visuais, que adquirem assim, um alto grau de independência no estudo e no trabalho” (Fonte: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/intro.htm>) O sistema realiza a comunicação com o deficiente visual através de síntese de voz em Português, sendo que a síntese de textos pode ser configurada para outros idiomas

⁵ “Um leitor de tela é um aplicativo de software que converte um texto em um discurso sintetizado, permitindo o usuário ouvir em vez de visualizar o conteúdo da Internet.[1] Em termos mais formais, o conteúdo mostrado na tela é enviado para uma saída independente da presença de um monitor de vídeo.[2] Então, as interpretações são sintetizadas para os usuários por meio de um sistema texto-voz[3], ícones de áudio[4] ou um dispositivo de saída Braille.[5] Os leitores de tela são uma forma de tecnologia assistiva [...] que são essenciais para pessoas com deficiência visual[5], analfabetas ou com dificuldades de aprendizado (Fonte: Wikipedia)

melhorou porque agora eu consigo ler um livro, um capítulo de um livro bem mais rápido em um dia, que antes levava duas, três semanas, pois eu não dava conta. Então melhorou bastante (ROSA,2018, l.33-37).

No finalzinho (da primeira graduação) foi que eu fui ter acesso ao computador como os altos contrastes e fontes mais ampliadas. Então eu concluí o curso em 2004 e continuei estudando, me dedicando (PATRICK,2018, l.94-96).

Dentro dessa trajetória que narro de 2000, depois que entrei no CAP eu conheci outras tecnologias assistivas, outros softwares. Isso foi facilitando, na época, como DOS VOX como uso até hoje, mas tem outro sintetizador de voz que eu usei como Jaws, Virtual Vision, Viva Voz, e hoje, muito semelhante nós usamos, nós usamos o NVDA que é um sintetizador de voz muito bom. Hoje eu consigo ler textos longos, livros... Na segunda graduação, eu utilizei essa tecnologia para ler os livros, muitos livros. Tem programas também, tem software que é fundamental para o deficiente visual, não é só o sintetizador que lê o livro, mas o que converte para formato de arquivo .doc e texto .txt (PATRICK,2018, l.172-180).

Patrick também teve um processo de compensação quando teve dificuldades em ensinar alunos cegos em um centro de apoio CAP, viu diante disso, a necessidade de formação na área. E foi no Instituto Benjamim Constant, escola que atende alunos cegos e capacita profissionais na área, que ele aprendeu o que ensina para seus alunos no CAP.

No IBC, em 2007 eu fiquei uma temporada, uns cinco meses, de agosto a dezembro, aprendi todas as competências para poder estimular as habilidades socioeducativas dos alunos com deficiência visual, tanto os cegos quanto os de baixa visão. Então aprendi as modalidades que eles chamam de parte diversificada do currículo dos alunos com deficiência visual, a parte comum do currículo são todos aqueles conteúdos que nós temos acesso no currículo comum sabe? História, Geografia, o Português, a Matemática, enfim, na parte diversificada é o que eu aprendi no IBC, o Braille, o Sorobã, informática adaptada, orientação e mobilidade, AVD que é Atividade de Vida Diária, e dentre outros, outras técnicas também de interação social. Então eu retornei a Marabá em 2008 e desenvolvo esse trabalho com esses alunos até hoje no CAP (PATRICK,2018, l.129-139).

Renato e Mário encontraram no sistema braile uma maneira indireta de serem alfabetizados.

Um amigo me falou sobre que existia uma escola em Marabá que trabalhava com cegos, e ao conhecer a escola fiz minha matrícula e lá aprendi o sistema Braille, e com isso fui para escola regular e fiz o ensino fundamental e médio. Depois ingressei na universidade, sendo aluno dessa mesma instituição na época era UFPA e no curso de Ciências Sociais e no de Licenciatura em Química pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) hoje sou graduado (RENATO,2018, l.30-35).

Nas provas universitárias que eram feitas em Braille, professores e alunos se surpreendiam como eu conseguia responder com tanta exatidão, sendo que os que enxergavam tiravam uma nota baixa e reprovaram em várias disciplinas. Então eu digo sempre: o esforço e determinação de querer vencer, pois nos finais de semana eu ficava em casa usando um gravador, assim como eu estou usando, gravava as aulas e ficava ouvindo os finais de semana (RENATO,2018, l.62-69).

Uma amiga radialista descobriu que na Escola Jonatas Pontes Athias, tinha um Centro de Apoio, o CAP, Inácio Batista Moura, onde se ensina até hoje as pessoas cegas, eu fui me alfabetizar em Braille, já com mais de 30 anos (MARIO,2018, l.29-32).

Mário relata também os apoios que encontrou quando chega na universidade, para compensar a falta da visão. Relata a compensação através da fala dos alunos que o acompanham em sala de aula.

Onde os olhos do cego não alcança, os olhos daquela pessoa pode alcançar e vai narrar o que o professor não consegue fazer na sala de aula, aquela pessoa vai interagir contigo e vai te mostrar o que está passando no momento em que o professor está colocando na lousa, seja no data show, seja um filme, ele vai narrar aquilo de uma forma mais clara para que você tenha mais ou menos uma noção do que está se passando, então, depois que eu cheguei na vida acadêmica, pra mim tá sendo é bom, maravilhoso, até agora tá dando certo, espero que continue até o final do curso para que eu possa vir fazer um bom curso e terminar com os meus colegas videntes. (MARIO, 2018, l.159-167).

Logo, através de caminhos alternativos (braile, tecnologias assistiva, falas dos acompanhantes) de desenvolvimento cultural, os alunos conseguem compensar a deficiência. A falta da visão é um obstáculo, porém eles desenvolveram novas maneiras para superar as dificuldades e chegar aos seus objetivos. Considerando Vigotski:

Para a criança intelectualmente atrasada, deve ser criado, em relação ao desenvolvimento de suas funções superiores de atenção e pensamento, algo que lembre o sistema Braille para a criança cega ou a dactilologia para a muda, isto é, um sistema de caminhos indiretos de desenvolvimento cultural, quando os caminhos diretos estão impedidos devido ao defeito. (VIGOTSKI, 2011, p. 869).

Pode ser observado nos relatos dos alunos que só tiveram melhores condições de acessibilidade quando chegaram ao ensino superior, onde houve uma transgressão com a presença deles na universidade. A presença foi gerando uma certa organização política, a ponto que de fazer com que a universidade, os professores e as outras pessoas com quem convivem repensem as normas que são criadas nessa sociedade ainda na perspectiva de homogeneização.

CONCLUSÕES

Ao concluir esse trabalho, que teve como objetivo analisar a trajetória de escolarização de deficientes visuais graduandos da UNIFESSPA, buscamos retratar suas experiências de vida e educacionais, bem como as dificuldades e apoios encontrados nesse processo.

Os resultados da pesquisa ressaltaram que a deficiência visual, dependendo do grau e das especificidades de cada deficiência, limitaram as aprendizagens dos graduandos que participaram da pesquisa. Porém essas dificuldades que foram impostas, principalmente pela falta de acessibilidade e inclusão das escolas e dos profissionais que delas fazem parte, acabaram fazendo com que, os próprios entrevistados não tivessem noção a princípio atribuindo tais dificuldade à lesão, ou deficiência primária.

A pesquisa ajudou a observar como a educação dos alunos com deficiência visual aconteceu, a qual se deu com vários obstáculos, como a recusa de acesso à escola, a falta de acessibilidade, falta de conhecimento do professor, o preconceito pela sua deficiência, obstáculos que fizeram com que os alunos necessitassem se adaptar ao meio em que estavam inseridos, além de dispor de poucos recursos acessíveis para sua aprendizagem. Em alguns relatos consta que só tiveram acesso a recurso como a tecnologia assistiva no ensino superior, porque boa parte de sua experiência escolar não estava amparada por uma legislação que cobrasse a inclusão desses sujeitos.

Apesar das inúmeras conquistas adquiridas para a educação inclusiva nos últimos anos, tanto nos aspectos estruturais quanto nos que se refere aos formativos dos profissionais da educação, é importante salientar que os sujeitos da pesquisa, passaram por um processo de escolarização básica que diferem entre si, quando relacionada a cada período vivido por eles, já que as suas idades se distanciam algumas vezes, o que pode resultar em relatos de experiências que podem favorecer ou não os que tiveram uma formação estudantil básica mais recente, devido aos progressos da educação inclusiva na sociedade.

Sendo assim, os apoios para garantir esse processo de escolarização no ensino superior são determinantes, uma vez que as relações sociais, promovem no ser humano, capacidades de aprendizagem essencial na formação dos indivíduos. Ou seja, é inegável que os progressos alcançados ao longo dos anos, ainda que limitados, potencializam as instituições sociais. Especialmente as escolas e as universidades, para que os deficientes visuais se motivem a superar as limitações da sua própria deficiência. Outro aspecto a ser ressaltado é sobre a mediação entre os professores e alunos, pois proporcionou uma melhor aprendizagem dos conteúdos e a relação de amizade entre os colegas foram importantes para que a pessoa com

deficiência visual pudesse ampliar seus conhecimentos e adquirir confiança para enfrentar novos desafios.

Em vários momentos esses alunos enfrentaram desafios relacionados a sua diferença. Porém, deve se ressaltar que mesmo alguns caminhos sendo difíceis, todos foram além das expectativas que havia para eles, pois conseguiram superar as barreiras, entrando na universidade, que apesar da pouca acessibilidade (barreira arquitetônica), desprezo em alguns casos, como relatados por alguns alunos, encontram apoios e recursos que ajudam a diminuir as dificuldades encontradas, contribuindo para o seu ensino e aprendizagem e colaborando para sua participação na sociedade.

A pesquisa proporciona entender que a pessoa com deficiência visual é capaz de se desenvolver e superar os obstáculos encontrados como qualquer outra pessoa, necessitando apenas de meios diferenciados que auxiliem a supera-los. De modo que não se deve pensar a deficiência como condição biológica da pessoa que limita sua participação social, mas como o resultado da falta de acessibilidade e oportunidade da sociedade. Logo a deficiência está na sociedade, não nas pessoas.

As narrativas não só trazem a memória de como foi a escolarização desses alunos, mas elas também trazem contribuições para se pensar a formação dos professores, de como a formação de professores valoriza as diferentes linguagens, como na formação de professores vai se trabalhando a perspectiva de reconhecer e valorizar o diferente ao invés de reforçar esse perfil homogêneo de indivíduo. Não só na dimensão da formação dos professores, mas também de pensar a prática educativas dos professores que vem sendo realizadas em cursos onde tem a presença desses estudantes. Pensar a própria política institucional da universidade na relação com as pessoas com deficiência, inclusive inserindo a produção do material didático e investimentos de tecnologias informacionais a esses alunos.

REFERÊNCIAS

BAZON, F. V. M., – Universidade Federal de São Carlos- **Escolarização de alunos com deficiência visual:** elaboração e utilização de materiais didáticos como recursos pedagógicos inclusivos. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012. Disponível em: http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acevo/docs/2489c.pdf> Acesso em: 26 de julho de 2018.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Especiais. **Lei nº 9.394 de 20 dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996)2018a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** MEC; SEESP. 2018b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. **Lei nº 13.146 de 6 julho de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015)2018c. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

BRASIL.DECRETO Nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Brasília, DF, dez 2004.2018d. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm . Acesso em: 04 de agosto de 2018.

CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola:** lembranças e depoimentos. Coleção Educação Contemporânea. Campinas, SP: Autores Associados: PUC, 2003

CENSO ESCOLAR. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>

DIAS, C. M. S. **As memórias e a arte de lembrar: sou professora porque...** Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 29, jan./jun. 2008, p. 87-96, Disponível em: <http://www.uneb.br/revistadafaeaba/files/2011/05/numero29.pdf>

FERNANDES R. de O. **Deficiência visual e inclusão na escola de ensino regular em Campina Grande/PB,** Monografia de Conclusão de Curso, curso Licenciado em Ciências Biológicas. Biblioteca Setorial do CCA, UFPB, campus II, Areia – PB.2017. Disponível em: <http://re2.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2358/1/ROF10082017.pdf>

FORTES, D. R. S.; SILVA, M. B. C.; IMANICHE, R. K. S. **Novos Olhares Sobre a Inclusão:** como lidar com a pessoa com deficiência visual, cegueira e baixa visão em ambientes escolares inclusivos. Deficiência Visual e Inclusão Escolar: desfazendo rótulos. Editora CRV. Curitiba, Brasil. 2016.

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. S. A Educação de Pessoas Cegas no Brasil. **Avesso do Avesso**, v.5, p. 74-81, 2014. Disponível em: <<http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/?C=S;O=A>> Acesso em 06 de setembro de 2018.

GARCIA, R. M. C.; A Educação de Sujeitos Considerados Portadores de Deficiência: contribuições Vygostikianas. **Ponto de Vista**, jul-dez. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1519/1528> Acesso em 09 setembro de 2018.

GLAT, R., PLETSCHE, M. D. Método de história de vida em pesquisas sobre auto-percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. **Revista Educação Especial** v. 22, n. 34, p. 139-154, maio/ago. 2009, Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/viewFile/268/128>> Acesso em 25 de agosto de 2018.

GABRILLI, MARA. Guia LBI. disponível em: <http://maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Guia-sobre-a-LBI-digital.pdf>.

MELLO, H.; MACHADO, S. **A formação histórica da educação para cegos no Brasil: uma análise contextualizada das leis do Império à República**. 1º Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão, 2017. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-1/completo-2.pdf> Acesso em 15 de agosto de 2018.

MIRANDA, A. A. B. **História, Deficiência e Educação Especial**. Revista HISTEDBR Online, Campinas, n. 15, p. 1-7, 2004
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/artigo15.htm> Acesso em 20 de agosto de 2018.

MONTILHA, R.C.I; TEMPORINI, E. R; NOBRE, M. I. R.S; GASPARETTO M.E.R. F; JOSÉ, N.K (2009). Percepções de escolares com deficiência visual em relação ao seu processo de escolarização. **Paideia**, v. 19, n. 44, p. 333-339, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n44/a06v19n44.pdf>> Acesso em 20 de julho de 2018.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 33, set./dez. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006. p. 387-559. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a02v1133.pdf>

NUERNBERG, A. H. Contribuições De Vigotski Para A Educação De Pessoas Com Deficiência Visual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr. jun. 2008 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a13v13n2.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

NUNES, S.; LOMÔNACO, J. F. B., o aluno cego: preconceito e potencialidade **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 14, n. 1, p.

55-64, jan. jun, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a06>. Acesso em 27 de julho de 2018.

PIRES, R. S. **Um olhar sobre a história da educação do deficiente visual no município de Piracicaba/SP**. Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 20, n. 57, v. 2, p. 155-172, jul.-dez. 2014. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Fm7xfMiR03AJ:www.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2014/edicao-57-volune-2-julho-a-dezembro/Nossos_Meios_RBC_RevJulDez2014_57_v2_Art4.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br Acesso em 20 de agosto de 2018.

RODRIGUES, R. P.; CHAVES, S. A. **O deficiente visual e o ensino superior no Piauí na perspectiva de alunos cegos**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 4.,2012, Paraíba/PI. **Anais...** Campina Grande, Realize Editora, 2012
Disponível em:
<<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/093b60fd0557804c8ba0cbf1453da22f.pdf>> Acesso em 13. maio.2018.

SANTOS, M. J. **A escolarização do aluno com deficiência visual e sua experiência educacional**. 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10613/1/Miralva%20dos%20Santos.pdf> Acesso em 05 de maio de 2018.

SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: Estudos em psicologia**, v. I, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4344/3154> Acesso em 24 de agosto de 2018.

SONZA, A. P. *et al* (Org.). **A Acessibilidade e Tecnologia Assistiva: pensando a Inclusão Sociodigital de PNEs**. Bento Gonçalves: Instituto Federal do Rio Grande do Sul, 2013.
Disponível em:
http://www.planetaeducacao.com.br/portal/conteudo_referencia/acessibilidade-tecnologia-assistiva.pdf Acesso em 13 setembro de 2018.

VILARONGA. C. A. R; CAIADO. K. R. M. Processos de escolarização de pessoas com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação**. v. 19, n. 1, p. 61- 78, jan-mar, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n1/05.pdf>> acesso em: 15 jun. 2018.

VIGOTSKI, L. S. A Criança Cega. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas**. Tomo V. Trad. de Maria del Carmen Ponce Fernandez. Havana: Editorial Pueblo y Educación, Tradução de Lucia T. Zanato Tureck em 2003. p. 74 - 87. 1997. Disponível em: <https://intervenozesdotcomdotbr.files.wordpress.com/2015/01/vigotski-a-crianc3a7a-cega.pdf> Acesso em 05 de setembro de 2018.

VIGOTSKI, L. S. A. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a12v37n4.pdf> Acesso em 19 de setembro de 2018.

VIGOTSKI, L.S.A. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6º ed. São Paulo, MARTINS FONTES 2003.

APÊNDICES

1 **Entrevistada 1: Evelyn⁶, 19 anos, baixa visão, aluna de Direito.**

2 Meu nome é Evelyn, tenho 19 anos e sou da turma de Direito da UNIFESSPA
3 e vou fazer um relato de experiência. Nasci em 9 de dezembro de 1997 em uma
4 cidade bem pequena, no interior do Pará. Sempre fui muito autodidata, aprendi a ler
5 e escrever em casa, e com três ou quatro anos eu entrei na escola e me passaram
6 de série porque eu estava um pouco avançada em relação aos meus colegas e eu
7 não apresentava nenhum sinal do problema que eu tinha, só que a medida que eu ia
8 crescendo, iam percebendo que eu tinha um problema de visão, mas no começo era
9 uma coisa muito simples, era como qualquer criança com problema de visão, e eu
10 não tive muitos problemas até a 5ª ou 6ª série, eu conseguia tirar do quadro, ler o
11 livro normal, fazer minhas atividades e as minhas notas eram maravilhosas e
12 invejáveis por todo o resto da minha turma.

13 Mas quando eu entrei na 7ª,8ª série eu sentia uma dificuldade muito grande
14 em acompanhar a turma e isso me deixou muito desestabilizada, não só pela
15 dificuldade, mas pela dificuldade de me aceitar, de aceitar que eu estava tendo essa
16 dificuldade e eu não queria pedir ajuda, porque eu sempre fui muito inteligente e
17 aquilo parecia que ia me deixar menos inteligente em relação a minha turma e acho
18 que esse foi o meu maior erro e o maior erro de qualquer pessoa, e eu não pedi
19 ajuda e isso foi diminuindo as minhas notas, até que a minha mãe percebeu que
20 tinha alguma coisa errada acontecendo, que não era só uma dificuldade simples e
21 onde eu ia os médicos diziam que era miopia, só que parecia ser muito grave, mas
22 eu queria que fosse miopia porque quando eu fizesse 18 anos iria fazer uma cirurgia
23 que me deixaria curada.

24 Quando eu entrei no ensino médio comecei a sentir uma dificuldade muito
25 maior, então eu falei: “eu tenho que pedir ajuda, preciso de ajuda” então fui pedir
26 ajuda, eu cheguei nos meus professores, principalmente nos professores de ciências
27 exatas e falei: “vocês precisam me ensinar de outra forma, me ensinando dessa
28 maneira eu não estou entendendo, estou empurrando com a barriga” e eu ia
29 ensinando eles a me ensinar e as minhas notas começaram a melhorar.

30 Quando eu cheguei no meu terceiro ano vi que se eu ficasse o tempo todo
31 com a minha turma eu não ia aprender, foi quando eu falei para meus professores “
32 tem momentos que não dá para ficar com a minha turma”, quando eu tinha provas
33 eu queria fazer em uma sala separada onde tivesse um professor me auxiliando, se
34 tivesse uma prova de matemática e o professor simplesmente jogasse a prova de
35 matemática em cima da minha mesa e ficasse vigiando o resto da turma, eles iriam
36 fazer e eu não, porque eu não conseguiria ver os gráficos, as tabelas, as planilhas e
37 iria me atrasar , então eu pedia para fazer as provas em outra sala com um
38 professor me auxiliando

39 As vezes não dava para acompanhar as aulas com a minha turma, eu
40 assistia aula com eles, mas depois eu chegava no professor e falava “eu não entendi
41 esse assunto, você pode me dar um reforço em outro horário? ” Então ele vinha
42 comigo, me ensinava e eu conseguia me igualar aos outros, foi quando eu vi que se

⁶ Todos os entrevistados são identificados na textualização por um pseudônimo, com o objetivo de preservar sua intimidade.

43 eu tentasse acompanhar a classe sem ajuda eu não iria aprender, e quando
44 reconheci isso as coisas começaram a mudar para mim.

45 Até meus 15 anos eu não sabia o que eu tinha, e eu fui em vários médicos
46 para descobrir, até que eu fui em uma neurologista que falou que eu não tinha
47 problema de visão, ela falou que poderia ser uma coisa neurológica, que poderia ser
48 uma coisa na córnea e que eu precisava procurar um retinólogo que foi quem deu
49 meu laudo médico, ele disse que eu tenho uma doença chamada retinose
50 pigmentar, que eu não sabia que existia, e eu fui pesquisar o que era retinose
51 pigmentar que é uma doença degenerativa na retina, a nossa retina é feita de
52 neurônios, e quando esses neurônios morrem eles não crescem nunca mais e os
53 meus neurônios da retina estão morrendo a cada dia, e depois que todos morrerem
54 eu vou ficar cega, e eu tenho 19 anos e acho ótimo ainda não ter ficado cega porque
55 tem pessoas com 15 ou 16 anos que já ficaram cegas com essa doença, ela é
56 progressiva, incurável e não tem cirurgia, não há absolutamente nada que se possa
57 fazer, e desde então decidi que não vou mais gastar dinheiro com médicos pra eles
58 me dizerem que eu não vou ficar curada. Minha mãe ainda insiste em procurar
59 médicos, só que eu já falei que ela também tem que parar.

60 Eu acho que a parte mais importante ou a parte mais difícil não é perder a
61 visão, a parte mais difícil é perder o que você podia fazer. Quando eu era criança eu
62 podia andar de bicicleta, jogar vôlei, ler um livro e hoje eu não posso, eu podia fazer
63 tanta coisa que hoje eu não posso mais fazer. E preciso parecer forte para minha
64 mãe, meu irmão, e aproveito cada segundo com eles, porque um dia eu não vou
65 mais ver eles. Não gosto de vitimismo ou de histórias tristes, tento não me abalar
66 muito, tento focar na minha faculdade, e falando nisso, o meu Enem foi horrível,
67 porque colocaram para ler a prova para mim uma pessoa que não tinha nenhum
68 conhecimento de ciências exatas e como é que uma pessoa vai explicar uma prova
69 de química ou de matemática para uma pessoa com baixa visão sendo que ela não
70 tem nenhum conhecimento dessas matérias. Eu tentei ENEM [Exame Nacional do
71 Ensino Médio] a primeira vez e não passei, tentei Enem pela segunda vez e passei
72 em direito, só que a minha família não queria que eu viesse porque falavam, “nossa,
73 ela vai embora, como ela vai se virar em outra cidade” e isso me abalou muito, mas
74 eu não queria ficar em Cametá, eu quero uma coisa grande. Minha mãe e a minha
75 avó me apoiaram, a minha avó falou “se ela for eu vou com ela, mas ela não vai
76 deixar de fazer o que ela quer”. A minha avó veio comigo para Marabá, e eu entrei
77 na universidade e entrei de cabeça erguida, eu falei “daqui eu só saio formada” e as
78 minhas notas são excelente ou bom e não aceito menos que isso.

79 Na universidade ainda falta infraestrutura para uma pessoa com deficiência,
80 falta iluminação, acessibilidade, tem muitos degraus, falta um pouco de conversa
81 com os professores, no meu caso eu não tenho do que reclamar, eles estão sempre
82 de muita boa vontade, graças a Deus. E minha turma também estão sempre de boa
83 vontade comigo, mas eu posso dizer que eu sou exceção, infelizmente eu sou
84 exceção, porque, seu eu converso com alguns dos meus outros colegas do NAIA
85 [Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Acadêmica] que tem algum tipo de deficiência,
86 o professor está de má vontade ou a turma está de má vontade, ficam apontando
87 dedo, não querem ajudar, ou pensam que fica se vitimando, as vezes você não está
88 se vitimando você tem uma deficiência. Infelizmente o que me deixa triste é ver que
89 eu estou bem, mas tenho amigos que não estão bem aqui na universidade, e isso
90 causa até evasão, as vezes você pensa em desistir do curso, pensa em se render,
91 mas você não pode se render, todo mundo tem dificuldade. Acho que seria muito
92 bom ter uma biblioteca digital, porque eu não consigo ir na biblioteca, pegar um livro

93 emprestado e ler, acho que uma biblioteca digital seria ótima para todo mundo,
94 porque você poderia ler os livros na sua casa e não precisaria do livro físico, e seria
95 bom o elevador funcionar e não ter que subir a escada todos os dias.

96 Sei que não dá para mudar o horário de aula que é a noite, mas é muito difícil
97 para um aluno com deficiência vir para a universidade a noite, eu moro perto então
98 posso ir para minha casa sem dificuldade, mas imagina um aluno cadeirante que
99 vem seis horas da tarde, sai dez ou dez e quinze da noite para pegar ônibus, que
100 dificuldade, não é? E o caminho daqui para a parada de ônibus é muito complicado,
101 a pessoa fica muito vulnerável a assaltos, eu acho esse horário um pouco ruim.
102 Sobre trabalhos da universidade eu descobri que eu tenho tempo extra para a
103 entrega, mas eu nunca me utilizei desse tempo até hoje porque, falo “se meus
104 colegas conseguem, também consigo”. Eu acho que eu também preciso ter um
105 pouco de competitividade comigo mesmo, com a minha turma, eu não posso sempre
106 me utilizar da mesma desculpa de que tenho uma deficiência e não consigo fazer,
107 até hoje eu sempre consegui porque que agora eu não vou conseguir? Estou aqui
108 junto com eles, na mesma sala e tenho os mesmos professores, então, eu sempre
109 procuro um método para me igualar, de me adequar a matéria, o assunto. Eu
110 solicitava o apoio do Naia para ter um acompanhante na sala, mas hoje eu não
111 solicito mais, acho que eu consigo ficar na sala sem um acompanhante. A xerox aqui
112 é muito cara, outro dia fomos imprimir uma prova e para os meus colegas saiu a
113 quarenta e cinco centavos, só que como a minha fonte é maior a minha saiu a três
114 reais, ficou muito caro.

115 Eu amo cinema, mas pra mim é um pouco complicado porque uma grande
116 parte dos filmes são 3D, então quando eu entro no cinema e o filme é 3D eu não
117 aproveito, e outra coisa que eu queria falar é que as pessoas ainda tem um estigma
118 tão negativo de uma pessoa com deficiência, pra 90% das pessoas uma pessoa
119 com deficiência é aquela que tá na rua pedindo esmola, que tá suja ou que tem cara
120 de deficiente, eu tenho uma carteirinha que me dá direito a passagens
121 intermunicipais gratuitas, o que também me dá direito a preferência em fila de
122 banco, fila da lotérica, mas sempre que eu apresento a minha carteirinha, me olham
123 como se perguntassem “tem certeza que é seu?”, várias vezes já me perguntaram
124 se era verdadeira, uma vez eu passei um constrangimento muito grande em Tucuruí
125 porque o vendedor de passagens disse que não era verdadeiro, que ele tinha que
126 analisar, eu perguntei “porque você acha que não é verdadeiro?” e ele respondeu
127 “porque você não tem cara de deficiente”, como se eu precisasse tá suja, como se
128 uma pessoa com deficiência não pudesse tá na faculdade de direito, que tem que ter
129 aquela cara de deficiente, de ‘mulambo’ mal arrumado, esse tipo de coisa, isso ainda
130 me deixa muito triste, porque por um lado você evolui mas tem que parecer que não
131 evoluiu se você quiser ter algum direito senão falam que você não tem nada, como
132 já aconteceu comigo na fila do banco, na lotérica, pra comprar uma passagem pra ir
133 pra minha cidade eu tenho que parecer deficiente, eu tenho que ter uma cara e um
134 carimbo, eu não posso tá arrumada, maquiada, parecer melhor, ter uma cara mais
135 apresentável.

136 O Renato do NAIA terminou a segunda faculdade, ele falava que parecia ser
137 muito surpreendente para as pessoas um cego ter duas graduações, e ainda é uma
138 coisa muito surpreendente no Brasil uma pessoa ter deficiência e ter faculdade, as
139 pessoas ainda tem aquela surpresa como se fosse um em um milhão e não era pra
140 ser assim, era pra uma pessoa com deficiência dizer” eu tenho mestrado, eu tenho
141 doutorado”, não era para ser surpresa, e daqui a trinta ou quarenta anos ainda vai
142 ser essa surpresa, os meus filhos e meus netos ainda vão ver essa surpresa.

143 O deficiente não precisa mais ficar escondido, não precisa mais ficar em casa
 144 esperando auxílio de um salário mínimo do INSS e ficar o resto da vida em casa,
 145 você tem uma deficiência na perna, mas você consegue ler, você pode fazer um
 146 curso, então você recebe seu auxílio se você tivesse fazendo um curso, e acho que
 147 é assim que deveria ser. Eu jamais me entregaria a isso, só se eu tivesse algo muito
 148 grave que não pudesse sair da cama. É muita falta de escolaridade uma pessoa se
 149 contentar com isso, achar que a deficiência dela a impede de fazer o que ela quer.

150 Minha mãe foi diretora de uma escola que teve um caso de um pai que tinha
 151 filhos com deficiência nas pernas e essa deficiência poderia ser revertida enquanto
 152 ainda fossem crianças, mas ele não queria que operassem os filhos dele porque se
 153 operassem não iam se aposentar. Eu fiquei tão chocada com isso mas acho que não
 154 foi maldade do pai, no Brasil você ainda não vê futuro na educação, você acha mais
 155 fácil ganhar um dinheiro de uma aposentadoria do INSS do que investir no seu filho
 156 para ele ter uma educação uma profissão.

157 Não sou militante e acho que não preciso ser, cada um com as suas próprias
 158 batalhas, mas quero lutar pelas pessoas com deficiência para que tenham essa
 159 oportunidade de ver que elas podem sonhar alto e os pais precisam ter a segurança
 160 em investir nos seus filhos. Os meus pais sempre investiram em mim e nunca
 161 desistiram de mim e vão ter retorno, eu sei que eu vou ser uma ótima juíza,
 162 advogada e até desembargadora, tudo que eu quiser eu vou ser e não quero nunca
 163 perder o ânimo pra continuar a faculdade mesmo com o horário a noite, mesmo que
 164 com milhões de dificuldades eu nunca quero perder esse ânimo porque eu sei que
 165 um dia eu vou ter retorno de mim mesmo, eu vou me orgulhar e falar “eu consegui”,
 166 no dia da minha formatura eu vou falar “eu consegui, eu fui brilhante, eu consegui!”
 167 E o que eu quero é que muito mais pessoas consigam também.

1 **Entrevistada 2: Rosa, 22 anos, baixa visão, aluna de Ciências Biológicas.**

2 Eu tenho 22 anos, faço o curso de Ciências Biológicas na UNIFESSPA.
 3 Passei em 2015, mas devido à grande demora da perícia médica que foi feita só
 4 junho, e fui iniciar o curso e a universidade estava de greve e perdi todo o primeiro
 5 período. Terminando esta, a coordenadora do meu curso fez uma reunião com a
 6 proposta para eu começar com a turma 2016, eu achei melhor e então eu iniciei o
 7 curso em outubro e hoje estamos no segundo período.

8 Tenho baixa visão, minha visão é subnormal, eu já nasci assim. Na verdade,
 9 meu sistema é muito complicado, eu tenho miopia, astigmatismo, meu globo ocular
 10 não é totalmente formado, minha retina é superdesgastada, tenho nistagmo⁷, o grau
 11 do meu olho esquerdo é cinco e meio de longe e vinte de perto, mas o meu olho
 12 direito não tem grau nenhum.

13 Minha vida na escolar em Goiânia, no início foi muito complicada porque eles
 14 não queriam me aceitar, eles queriam que eu fosse estudar o braile.

15 A minha mãe queria que eu usasse o pouco da visão que eu tinha para eu
 16 não perdê-la, porque os médicos sempre disseram que a mesma não ia melhorar
 17 nem piorar, mas ia ficar do jeito que estava, entendeu? E para eu não a perder, ela
 18 queria que eu usasse minha vista, então eu usei praticamente a vida toda
 19 estudando.

⁷ Nistagmo são oscilações rítmicas, repetidas e involuntárias de um ou ambos os olhos conjugadamente, nos sentidos horizontal (de um lado para o outro), vertical (de cima para baixo) ou rotatório (movimentos circulares) que podem dificultar muito a focalização das imagens (Fonte: <http://www.abc.med.br/p/saude-dos-olhos/376010/nistagmo+o+que+e+quais+as+causas+como+saio+o+diagnostico+e+o+tratamento.htm>)

20 Eu sempre estudei bem de perto, meus livros sempre foram ampliados,
21 minha fonte é vinte dois, vinte quatros, então sempre foi muito complicado estudar.

22 O meu ensino fundamental, foi complicado, quando eu fazia prova, as vezes
23 não dava conta de ler a prova toda porque eu já estava cansada, minha cabeça já
24 estava doendo, e as vezes não conseguia entregar o trabalho no dia.

25 Quando eu entrei no ensino médio eu frequentava o CAP [Centro de Apoio
26 Pedagógico aos Deficientes Visuais] duas vezes na semana. Estudava pela manhã
27 e frequentava a sala de recurso à tarde no Acy Barros toda a semana, só que,
28 mesmo com tudo isso, os professores de lá não estavam preparados, não tinha esse
29 acompanhamento que encontro no NAIA, onde têm um apoiador na sala que lê a
30 prova. No ensino médio, eu mesmo lia minhas provas. Quando eu fazia simulado no
31 ensino médio eu sofria porque eu fazia tudo em um dia só, teve uma vez que eu
32 praticamente nem li a metade das questões porque eu não dei conta, foi muito ruim.

33 Quando eu entro na faculdade, comecei a usar a tecnologia (tecnologia
34 assistiva) que é o DOSVOX⁸, no computador o Windows NVDA⁹ com isso, minha
35 vida melhorou porque agora eu consigo ler um livro, um capítulo de um livro bem
36 mais rápido em um dia, que antes levava duas, três semanas, pois eu não dava
37 conta. Então melhorou bastante.

38 Como eu só comecei a faculdade na turma de 2016, meus professores
39 tiveram um ano para se adaptarem em relação a mim porque eu era a primeira aluna
40 do curso com deficiência visual num curso totalmente visual, mas todos eles sempre
41 fizeram de tudo para me ajudar.

42 Eu sempre estou no NAIA (Núcleo de Acessibilidade de Inclusão Acadêmica)
43 para saber qual a melhor forma de me ajudar, adaptar material, sempre estão
44 tentando enviar material antecipado, as vezes acontece deles enviarem material
45 atrasados, o computador deles queima, alguma coisa do tipo, mas eu nunca fico
46 prejudicada.

47 No início desse período eu tive um pouquinho de problema com a professora
48 de Química Orgânica. O pessoal do NAIA foi lá e conversou com ela e tudo, agora
49 até melhorou mais um pouco.

50 Enfim, a minha vida foi bastante complicada, porque eu não ando sozinha,
51 mas comparando o meu fundamental e meu ensino médio com a minha entrada na
52 universidade foi muito ruim porque eu não usava essas tecnologias (Tecnologia
53 Assistiva), eu não usava computador, eu não usava DOSVOX, eu não usava
54 Windows NVDA. Eu nem sabia que existia, aliás, eu sabia que existia, mas não tinha
55 nenhum contato, entendeu?

56 Para você ter noção do tanto que a minha vida era complicada, eu não sabia
57 nem mexer no celular. Quando eu saía da aula, que terminava mais cedo, eu tinha
58 que pedir para alguém ligar para minha mãe porque eu não sabia mexer no telefone,

⁸ “O DOSVOX é um sistema para microcomputadores da linha PC que se comunica com o usuário através de síntese de voz, viabilizando, deste modo, o uso de computadores por deficientes visuais, que adquirem assim, um alto grau de independência no estudo e no trabalho” (Fonte: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/intro.htm>) O sistema realiza a comunicação com o deficiente visual através de síntese de voz em Português, sendo que a síntese de textos pode ser configurada para outros idiomas

⁹ “Um leitor de tela é um aplicativo de software que converte um texto em um discurso sintetizado, permitindo o usuário ouvir em vez de visualizar o conteúdo da Internet.[1] Em termos mais formais, o conteúdo mostrado na tela é enviado para uma saída independente da presença de um monitor de vídeo.[2] Então, as interpretações são sintetizadas para os usuários por meio de um sistema texto-voz[3], ícones de áudio[4] ou um dispositivo de saída Braille.[5] Os leitores de tela são uma forma de tecnologia assistiva [...] que são essenciais para pessoas com deficiência visual[5], analfabetas ou com dificuldades de aprendizado (Fonte: Wikipedia)

59 era sempre assim. Então a minha vida no fundamental e ensino médio sempre foi
60 bastante complicada, muito mesmo.

61 No início quando entrei na universidade, minha mãe não queria que eu
62 fizesse esse curso, ela queria que eu fizesse psicologia, só que, eu disse a ela que
63 eu não iria fazer porque eu não gosto de psicologia. Acho que ela não queria que eu
64 o fizesse porque as pessoas ainda têm uma visão muito ruim em relação a biologia,
65 acha que eles acham que é só floresta, mato, essas coisas assim. E não é. Na
66 verdade tem muitas outras coisas legais que podemos fazer, como trabalhar em
67 laboratório, coisa do tipo. Mas no final ela viu que não tinha jeito e acabou deixando.
68 E agora eu estou fazendo o curso que gosto, apesar de as dificuldades que tenho,
69 apesar de ter disciplinas que eu não gosto que eu acho superchato, mas eu amo
70 meu curso, eu amo o que faço. Independentemente de qualquer dificuldade que eu
71 tenha, eu sinto que eu estou fazendo a coisa certa, a coisa que eu gosto, então eu
72 me sinto muito feliz por isso.

1 **Entrevistado 3: Patrick, 37 anos, baixa visão, mestrando em Educação Especial**

2 Eu ingressei na escola no município do interior do sudeste do Pará em 1987,
3 na época era primeira série, sendo que, no ano seguinte, na segunda série, causou
4 uma grande inquietação a maneira como eu me comportava em sala de aula por
5 conta do problema de visão, grande inquietação da professora porque eu não
6 conseguia sentar e escrever o conteúdo do quadro, eu ia lá tirava uma letra, anotava
7 no caderno, ficava esse vai e vem do quadro para a cadeira. Na época a escola era
8 muito tradicional, muito rígida e até umas reguadas nas pernas por conta desse
9 negócio eu peguei, apanhei nas mãos, apanhei nas pernas porque eu não ficava
10 quieto, levantava muito para ir tirar letra do quadro enquanto os outros tiravam lá
11 sentadinho obedecendo a professora. O fato é que desde os seis anos de idade
12 minha família já desconfiava. Com os relatos da professora que eu não enxergava
13 direito, meu pai me levou para Marabá Pioneira, lá foi diagnosticado, mas foi
14 diagnosticado somente o problema de refração que é a miopia, (é uma miopia em
15 grau alto) essa estabilizou aos vinte e um anos de idade em 2001, mas de fato não é
16 esse o problema que fez com que surgissem posteriormente barreiras de acesso à
17 informação, de acesso ao ambiente externo, de acesso ao meio social, não foi à
18 miopia que impediu porque com óculos a miopia estava corrigida (eu comecei a usar
19 óculos a partir dos sete anos de idade), havia uma inquietação por parte da minha
20 família. Eu comparava minha visão com a de um irmão que tem mais ou menos a
21 minha idade ele é um ano e pouco apenas mais velho que eu, porque eu nasci em
22 1980 e ele nasceu em 1978, a diferença de idade é mínima, nós brincávamos juntos.
23 Eu percebi que mesmo com óculos eu não enxergava direito, mas na época não
24 havia muito recursos, a escola ignorava toda essa situação, ignorar que eu digo no
25 sentido etimológico da palavra, de desconhecimento. Morávamos numa vila nessa
26 época em 1987, 1988 quando eu comecei a estudar, depois mudamos para outra
27 vila próxima do mesmo município, hoje tudo é município de Bom Jesus do
28 Tocantins, lá eu fiz a terceira, quarta e quinta séries: a primeira e segunda foi na vila
29 anterior. Então nessa nova vila eu fiz terceira, quarta e quinta séries com essas
30 mesmas dificuldades, eu usando óculos mas tendo dificuldade para copiar do
31 quadro, as professoras quando viam os óculos já davam uma certa atenção, me
32 colocavam na frente, me davam mais tempo para tirar do quadro, mas sem nenhum
33 tipo de atendimento especializado, isso em 1990. Em 1991, sempre sofrendo com a
34 questão da ridicularização dos colegas por conta do uso dos óculos, foi quando
35 começou os estigmas, a ridicularização dos colegas e a banalização, tanto que na

36 vila ninguém me chamava pelo nome, apenas por “quatro olho”, “ceguinho”, esses
37 estigmas, mas eu tinha necessidade de interagir com meus colegas, na verdade eu
38 suportava tudo isso porque eu tinha interesse de interagir com eles, tanto na escola
39 quanto fora da escola, nós éramos o mesmo grupo social, nós brincávamos de
40 futebol e outras brincadeiras.

41 Eu acabei saindo dessa segunda vila porque meus irmãos mais velhos tinham
42 terminado a oitava série e não tinha mais estudos para eles (eu sou o quinto e último
43 filho do casal) isso foi o que levou meu pai a adquirir uma residência em Marabá, no
44 bairro Nova Marabá, Folha 27, em 1992. Tinha doze anos de idade e minha mãe me
45 matriculou junto com meu irmão, eu sempre estudei com ele durante um bom tempo
46 porque quando eu estava na quarta série ele reprovou a quinta série e desde então
47 estudamos juntos até o primeiro ano do ensino médio, que foi em 1995. Mas o fato é
48 que, quando nós chegamos em Marabá em 1992 eu e ele fomos matriculados na
49 sexta série no Gaspar Viana, na Folha 16 e desde então nós tocamos o barco
50 juntos. Ele me ajudava muito, eu não tinha auxílio de ninguém, nesse momento eu
51 poderia dizer que já tinha o auxílio da família, no caso do meu irmão, quando eu não
52 conseguia registrar todo o conteúdo eu confiava porque ele tinha registrado e
53 quando chegava em casa eu copiava com calma, passava a limpo, esse tipo de
54 coisa. Mas os professores, a escola, ignoravam totalmente, nunca se ativeram a
55 isso. A partir dos catorze anos de idade, quando eu perdi meu pai, em 1994, minha
56 mãe continuou dando assistência, fazendo as consultas por conta dos óculos que
57 vencia o grau, mas até o momento ninguém sabia porque que eu estava perdendo a
58 visão, nem eu nem ninguém, eu apenas tinha uma certeza, que com os óculos eu
59 não enxergava direito, nem o médico daqui que era um médico muito renomado, ele
60 não sabia e foi nessas condições que eu terminei o ensino fundamental no Gaspar
61 Viana. Meu ensino médio de 1995 a 1997 foi no Plínio Pinheiro.

62 Em 1997, já terminando o ensino médio, eu comecei a estudar para o
63 vestibular para ver se ingressava na UFGPA em Marabá, havia apenas essa
64 universidade, não tinha particular, não tinha nada, só havia ela, eram quatro cursos
65 na época que eu lembro, era Letras, Matemática, Pedagogia e Direito, só havia
66 esses, se quisesse estudar em Marabá tinha que ser esses. O curso de Direito era
67 muito cobiçado pela elite local e pelo funcionalismo público federal, a concorrência
68 era astronômica, mas eu tinha convicção que entre as outras áreas, o que me
69 agradava era Pedagogia. Letras e Matemática eu tinha convicção de que não queria.
70 Comecei a estudar, tentei uma vez, na primeira vez passei apenas na primeira fase.
71 Em 1999 eu entrei na Pedagogia e foi que o sofrimento com a visão aumentou
72 porque as leituras eram intensas, na época a professora Hildete foi minha professora
73 também, mas a universidade desconhecia totalmente e nesse período, como é que
74 eu fazia as leituras? Era apenas xerox, xerocava, levava, fazia leituras muito lentas.

75 Foi com algum tipo de informação que nós vimos na mídia, a partir de 2001
76 que eu comecei a buscar diagnósticos fora de Marabá, em Teresina, Belém, mas
77 não encontrei, até que eu consegui um encaminhamento do tratamento fora do
78 município pela rede SUS, de Marabá para Goiânia, Hospital das Clínicas da UFG,
79 Goiás. Fui diagnosticado em 2003 mais ou menos, eu estava com 23 anos de idade,
80 minha miopia tinha estabilizado com 21 anos de idade e logo obtive a conclusão de
81 que não tinha cirurgia, mas que tinha algumas medidas a serem adotadas, porque
82 eu era considerado pessoa com baixa de visão, visão subnormal, uma das
83 modalidades da deficiência visual e progressiva. A patologia era degeneração
84 macular da retina; a retina é um tecido do fundo do olho formado por algumas
85 células, cones e as células bastonetes estavam se degenerando e a tendência era

86 perder e visão como estou perdendo, é progressivo, hoje já perdi praticamente um
87 olho, só vejo a projeção de luz por parte do olho direito; no olho esquerdo, segundo
88 os médicos, a acuidade visual hoje é cerca de 10%.

89 Os primeiros tipos de tecnologias assistivas que me ajudaram foram
90 acessibilidade do computador, o sistema de alto contraste, letras ampliadas, a tela
91 preta em alto contraste, lente de aumento... Na época ainda não usavam
92 sintetizadores de voz. Percebi que eu podia imprimir livros ampliados, fontes
93 ampliadas, durante todo o curso da primeira graduação foi assim, não tinha
94 adaptação nenhuma. No finalzinho foi que eu fui ter acesso ao computador como os
95 altos contrastes e fontes mais ampliadas. Então eu concluí o curso em 2004 e
96 continuei estudando, me dedicando.

97 Quando foi em 2005, eu ingressei no município, eu já exercia um cargo de
98 técnico administrativo em uma escola, no Estado eu dava aula também. No Estado,
99 eu ingressei antes como contratado, eles contratavam na época o professor
100 aprendiz. Então eu ministrava aula para aqueles cursos do magistério, depois o
101 ensino médio normal. Migrei para o ensino médio geral como contratado nas
102 disciplinas de Sociologia e Filosofia.

103 Então, quando eu fui convocado no concurso público, como Pedagogo do
104 município (isso em 2006, o concurso foi no final de 2005), eu recebi um convite para
105 trabalhar no CAP (Centro de Apoio Pedagógico) que tinha acabado de ser
106 inaugurado. Existiam os recursos, mas a Prefeitura não estava disponibilizando o
107 serviço para os alunos. Os mesmos provocaram o Ministério Público na época em
108 2005, antes de eu ingressar; quando eu cheguei não sabia se já estava a nível de
109 inquérito civil, mas o Ministério Público já tinha essa reclamação movida contra a
110 SEMED (Secretaria Municipal de Educação) e estava em vigência um TAC (Termo
111 de Ajuste de Conduta): tinha que cumprir a finalidade do CAP que era atender os
112 alunos com deficiência.

113 Eu levei a experiência que eu tinha, minha experiência pessoal, então
114 comecei em 2006 quando eu fui lotado no CAP levei a experiência de atender os
115 alunos com baixa visão e produzir material para eles, mas isso causou inquietação
116 nos alunos cegos, eu não sabia atender às pessoas cegas. Foi quando participei de
117 audiência no Ministério Público e o mesmo determinou que a Prefeitura deveria
118 agilizar minha formação na área. Eles me mandaram para o Instituto Álvares de
119 Azevedo (fora da cidade de Marabá), porém foi uma decepção porque foi apenas
120 uma semana de curso, era época de muitas paralizações por conta de eventos de
121 Copa do Mundo e quase não teve formação durante aquela semana. Eu retornei à
122 Marabá e comecei a ver outras possibilidades de formação, foi quando eu descobri o
123 IBC (Instituto Benjamin Constant) que é a maior escola especializada da América
124 Latina em deficiência visual, atende alunos e também capacita profissionais de
125 educação na área; eu me submeti a um processo seletivo, fui aprovado e depois de
126 muita resistência da Prefeitura, de não querer liberar porque eu era recém
127 concursado, mas como era de interesse da Administração e era extremamente
128 necessário o exercício da função, liberaram, a contragosto mas liberaram.

129 No IBC, em 2007 eu fiquei uma temporada, uns cinco meses, de agosto a
130 dezembro, aprendi todas as competências para poder estimular as habilidades
131 socioeducativas dos alunos com deficiência visual, tanto os cegos quanto os de
132 baixa visão. Então aprendi as modalidades que eles chamam de parte diversificada
133 do currículo dos alunos com deficiência visual, a parte comum do currículo são todos
134 aqueles conteúdos que nós temos acesso no currículo comum sabe? História,
135 Geografia, o Português, a Matemática, enfim, na parte diversificada é o que eu

136 aprendi no IBC, o Braille, o Sorobã, informática adaptada, orientação e mobilidade,
137 AVD que é Atividade de Vida Diária, e dentre outros, outras técnicas também de
138 interação social. Então eu retornei a Marabá em 2008 e desenvolvo esse trabalho
139 com esses alunos até hoje no CAP.

140 Durante esse período em 2008, eu abandonei o cargo de contratado que eu
141 tinha no Estado e passei a trabalhar como Coordenador Pedagógico no Concurso
142 Público que foi aberto em 2008 (2008 nós fomos convocados), então a partir de
143 2009 eu passei a exercer o cargo de Coordenador Pedagógico numa escola
144 estadual, paralelamente ao serviço do CAP que eu fazia, que eu faço.

145 Então voltei para a Universidade, na época em que fui para o IBC eu já tinha
146 terminado as disciplinas e estava fazendo a pesquisa como orientando da Hildete
147 numa especialização que tinha na UFPA, que era “Tecnologia e Educação
148 Inclusiva”, então quando eu voltei do IBC eu defendi minha monografia que era “O
149 processo de Inclusão Escolar dos Alunos com Deficiência Visual em Marabá”. Os
150 participantes entrevistados da pesquisa foram professores do ensino comum desses
151 alunos e alguns alunos com deficiência visual. Continuei trabalhando, surgiu uma
152 inquietação: como continuar os estudos se não tinha mestrado em Marabá? Havia
153 terminado a especialização e eu não podia sair de Marabá porque eu era recém-
154 concursado no Estado, no [período] probatório e eles não liberavam para estudar
155 fora.

156 Foi quando eu decidi ingressar numa 2ª graduação enquanto esse tempo
157 passava do probatório, voltei para UFPA e ingressei no curso de Direito, quando
158 venceu o probatório o curso já estava bem avançado, estava quase no terceiro ano
159 e eu não quis parar. Não consegui terminar em 2015 por conta das greves, mas foi
160 concluído o curso, defendi o TCC em abril de 2016 e coleí grau em junho do mesmo
161 ano.

162 Já não tinha mais compromisso com a Universidade (já tinha terminado todas
163 as atividades da segunda graduação). Foi quando abriu o processo seletivo do
164 mestrado em Educação Especial em julho de 2016 em São Carlos, São Paulo,
165 Universidade Federal de São Carlos. Eu me submeti ao processo, fui aprovado, só
166 deu tempo de terminar o curso de Direito. Este ano (2017), eu comecei o primeiro
167 semestre, curso as disciplinas, agora vou iniciar a elaboração do projeto de pesquisa
168 para desenvolver a pesquisa em Marabá, por sugestões da própria orientadora.
169 Tudo indica que a entrevista será com os alunos com deficiência visual que cursam
170 ou que já concluíram o ensino médio, são esses os alunos participantes da
171 pesquisa.

172 Dentro dessa trajetória que narro de 2000, depois que entrei no CAP eu
173 conheci outras tecnologias assistivas, outros *softwares*. Isso foi facilitando, na
174 época, como DOS VOX como uso até hoje, mas tem outro sintetizador de voz que
175 eu usei como Jaws, Virtual Vision, Viva Voz, e hoje, muito semelhante nós usamos,
176 nós usamos o NVDA que é um sintetizador de voz muito bom. Hoje eu consigo ler
177 textos longos, livros... Na segunda graduação, eu utilizei essa tecnologia para ler os
178 livros, muitos livros. Tem programas também, tem *software* que é fundamental para
179 o deficiente visual, não é só o sintetizador que lê o livro, mas o que converte para
180 formato de arquivo .doc e texto .txt

181 Hoje nós temos um muito bom (inclusive a versão não convertia de pdf para doc
182 muito bem, eram muitas irregularidades, mas um aluno nosso que inclusive estuda
183 hoje na UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará), descobriu a
184 versão nova de um *software* que converte a imagem de texto e texto .pdf. Isso é
185 fantástico para o aluno fazer a leitura na tela do computador. Embora eu ministre

186 aula de braile no CAP, mas seria muitas produções de livros que a gente não teria
187 condições de fazer [em braile], por isso que eu prefiro ler os livros longos em áudio
188 no computador, porque não tem pessoas disponíveis para fazer esse monte de
189 livros. Para produzir livro de acordo com a ABNT, livros em braile, tinha que ter um
190 departamento de imprensa braile em Marabá e nós não alcançamos isso ainda...
191 Tem que ter revisores cegos também. Mas o fato é que, embora o problema venha
192 avançando (a patologia) mas nós hoje nós temos o entendimento que a deficiência
193 não está na pessoa, a deficiência está no meio social, então o que a pessoa
194 apresenta é uma lesão, uma patologia que, quando entra em conflitos com barreiras
195 que estão no meio social (barreiras ambientais e atitudinais) é que surge a
196 deficiência. A deficiência ela é a interação da lesão pessoal com a barreira ambiental
197 ou atitudinal.

1 **Entrevistado 4: Renato, 33 anos, cego, graduado em Ciências Sociais e**
2 **Química.**

3 Eu me chamo Renato, tenho 33 anos, moro em Marabá há quinze anos, e
4 gostaria de compartilhar um pouco minha história de vida pra vocês.

5 Nasci em 1983 no interior do município de Itupiranga e sou o quarto filho do
6 casal Manoel e Maria, nós nascemos na zona rural.

7 Nasci cego e minha mãe, quando me trouxe ao mundo, foi na própria casa,
8 pois naquela época as mulheres não se dirigiam ao hospital, ganhavam bebê na
9 casa delas. E minha avó, ao me pegar no colo, percebeu que meus olhos eram
10 brancos cor de leite e ficou muito impressionada. E contou para minha mãe que eu
11 tinha problema nos olhos, e eles perceberam que eu era cego.

12 Quando fui crescendo, desenvolvendo e quando comecei a caminhar, logo
13 viram que eu não enxergava nada, e foram em busca de um médico especialista de
14 Itupiranga. Naquela época, especialistas nessa área dos olhos era muito difícil. Os
15 oftalmologistas então decidiram me levar para Belém, onde foi feita uma cirurgia no
16 meu olho esquerdo, para tentar descobrir o motivo da deficiência. Mas, no entanto, a
17 cirurgia não teve êxito, o meu olho esquerdo ficou pequeno, não desenvolveu.

18 Quando eu completei oito anos, eu comecei a enxergar, ter muitas
19 dificuldades em receber a claridade do dia, os meus olhos doíam bastante, lembro
20 que comecei a estudar na casa de minha avó, que me ensinou as primeiras letras do
21 alfabeto.

22 Na década de noventa, fui para a escola. Me matriculei, não fiz a primeira a
23 série e sim a segunda pois estava avançado nos estudos. Lembro que fiz até o sexto
24 ano, estudava e escrevia no caderno, não tinha como copiar no quadro, pois minha
25 visão não foi 100% dependia de amigos para poder escrever no caderno. Já na
26 sexta série, tive uma dificuldade em matemática e com isso eu não consegui ser
27 aprovado. Nessa época, eu ainda tinha um resíduo visual, mas estava perdendo e
28 até esse momento, eu estava com vinte anos de idade. Foi onde desisti da escola e
29 entrei em estado de depressão.

30 Um amigo me falou sobre que existia uma escola em Marabá que trabalhava
31 com cegos, e ao conhecer a escola fiz minha matrícula e lá aprendi o sistema Braille,
32 e com isso fui para escola regular e fiz o ensino fundamental e médio. Depois
33 ingressei na universidade, sendo aluno dessa mesma instituição na época era UFPA
34 e no curso de Ciências Sociais e no de Licenciatura em Química pela Universidade
35 do Estado do Pará (UEPA) hoje sou graduado.

36 Sou casado, tenho quatro filhos e desenvolvo o sistema marketing multinível,
37 trabalhando diretamente com pessoas, palestras e criação de equipes.

38 Voltando um pouco alguns anos atrás, em 2010, perdi meu irmão caçula
39 devido ao câncer. Houve a separação dos meus pais e foi bem difícil, eu e meus
40 irmãos tivemos que ficar com minha avó na fazenda, cuidar de animais e
41 passávamos a maior parte do tempo sozinhos. E pelo fato de eu ter a deficiência
42 visual, eu passava por muitos obstáculos, vivia com os joelhos ralados, mais que
43 meu irmão. Eu recebia muita chacota de pessoas, que faziam de mim pelo fato de
44 ser cego. Mesmo assim, eu consegui concluir duas universidades. Nunca tive
45 condições de pagar cursinho particular, sempre estudei em escola pública apesar de
46 dizerem que a educação não é muito boa, o EJA [Educação de Jovens e Adultos]
47 tem os que falam mal. Eu sou fruto de lá, não tenho mais nenhum resíduo visual,
48 contudo sou muito feliz, estamos juntos sempre apoiando nossos amigos
49 universitários, ministrando formação a esses professores e colaborando da forma
50 que às vezes dá para fazer.

51 E quando, em minha trajetória escolar, diante das dificuldades visuais, os
52 professores do ensino fundamental não tinham conhecimento como lidar com
53 pessoas com deficiência. Na década de 90 era muito raro uma pessoa nesse caso
54 estar na escola. Eu sei que existem muitas pessoas com deficiência na escola, mas
55 isso veio surgir na verdade em 2000, e antes os professores nos tratavam muito
56 diferente dos demais da turma, não acreditavam no nosso potencial. Quando nós
57 exigíamos uma prova ampliada, eles não sabiam como fazer e os colegas não
58 tinham interesse. Na hora de um trabalho em grupo, eu sempre ficava no canto, de
59 escanteio. Os professores, que sempre intervinham, comentando que eu teria que
60 participar da equipe, e muitas das vezes eu realizava o trabalho ou mesmo um
61 seminário sozinho e, para surpresa dos alunos colegas, eu me saía muito bem
62 melhor que a equipe formada. Nas provas universitárias que eram feitas em Braille,
63 professores e alunos se surpreendiam como eu conseguia responder com tanta
64 exatidão, sendo que os que enxergavam tiravam uma nota baixa e reprovaram em
65 várias disciplinas. Então eu digo sempre: o esforço e determinação de querer
66 vencer, pois nos finais de semana eu ficava em casa usando um gravador, assim
67 como eu estou usando, gravava as aulas e ficava ouvindo os finais de semana.
68 Dormia e acordava com a fala do professor. Tinha na época um *home theater*, ouvia
69 o áudio, me sentia que estava na sala pelo som que se espalhava em meu quarto.
70 Diante disso, conseguia obter notas boas, assim os professores comentavam minha
71 evolução nos estudos.

72 A parte de liderança, eu sinto que nasci com esse dom. Nas questões
73 políticas, recordo que no ensino fundamental eu participava do grêmio estudantil, eu
74 tinha facilidade de acessar a direção da escola, da secretária de educação, falar
75 com o secretário e diretor. Nunca fui expulso no tempo que estudava, fiz muitos
76 amigos. Algumas pessoas reclamam de professores, acham ruim. Considero que
77 não existem maus professores, tem alunos que não querem aprender e colocam a
78 culpa em quem ministra as aulas.

79 Na universidade, participei de grêmio estudantil, fui líder de turma de turma,
80 estive presente no DCE, na verdade do DA. Na época, lutávamos pela meia
81 passagem a questão do VTCARD, muitos conhecem. Durante esse momentos na
82 implantação do VTCARD, eu lembro que fomos nas ruas, tanto universitários quanto
83 alunos do ensino médio, para reivindicar a questão da gratuidade para que os
84 estudantes pudessem usar o VTCARD e pagar somente a meia passagem; que no
85 início o sistema queria obrigar os responsáveis a colocar cerca de dez reais no
86 cartão. Fomos presos, o ônibus foi parar na delegacia com cerca de quarenta
87 alunos. O delegado indagou que não poderia fazer nada, falou que nós estávamos

88 reivindicando nossos direitos e a empresa de ônibus teria que se adequar aos
89 padrões e a lei que garantem a questão da meia passagem. Com isso, juntamos
90 todos e fomos a pé, invadimos a sede da empresa. O gerente fugiu pela porta dos
91 fundos. No outro dia, fomos à porta do DMTU. Chamaram a polícia novamente,
92 queriam prender o carro de som que alugamos. Contudo conseguimos falar com o
93 coordenador de trânsito de Marabá. Ao chamar todos para uma reunião, falamos
94 que queríamos que mudassem essa situação, que nossos pais não tinham a
95 obrigação de fazer essa recarga requerida na passagem de ônibus. Acionaram a
96 prefeitura e a situação foi resolvida, os alunos ficaram de prontidão no Tapiri para
97 que isso acontecesse. Mesmo com todas as dificuldades, alimentando de pão com
98 mortadela...

99 Outras paralisações a mais foram feitas, como a questão da falta de
100 bebedouros, estive nos CAs [Centros Acadêmicos], fazíamos as festas temáticas,
101 colaborávamos nos DA [Diretório Acadêmico] e hoje DCE [Diretório Central dos
102 estudantes], colaborávamos nos cursos de formações, daí que surgiu uma ideia de
103 criar o cursinho universitário EMANCIPA, isso graças às lutas estudantis. A questão
104 da acessibilidade, eu estive à frente dessa conquista, juntamente com a
105 coordenação. Existem vários processos da questão dessa situação: as portas não
106 eram adequadas, as rampas são ações conquistadas. Existe a Kátia, aluna da
107 Pedagogia parceira nessa luta; além dela, existem uns quarenta e seis alunos com
108 deficiências e eu fui o primeiro deficiente visual a entrar na universidade.

109 Levei marcas do tempo de universitário e deixei marcas. Recordo que um dia,
110 saindo da sala, bati em uma das colunas que tem no pátio e quando me aproximei
111 do canteiro perto da Xerox, senti algo escorrer em meu rosto, percebendo que era
112 sangue. Uma pessoa percebeu que eu estava sangrando muito, fiquei um pouco
113 triste com essa situação, porém não desisti. Passei por diversas dificuldade na
114 universidade: não existam material de apoio, o núcleo NEES era carente de
115 equipamento e os bolsistas não compreendiam às vezes de que forma poderiam
116 ajudar, porém a professora [Nome] era a coordenadora do Campus e também do
117 núcleo. A gente sentia muita falta dela a ausência na saída para o doutorado, fez o
118 curso sem assistência praticamente, foi difícil mais consegui vencer, quebrar os
119 paradigmas que as pessoas tinham de que uma pessoa com deficiência não
120 conseguiria concluir o ensino superior.

121 Minha aprovação no vestibular foi sem o cursinho preparatório, mesmo
122 professores falando que deveria pagar esses cursos. Eu, porém, não tinha
123 condições, fiz a prova que foi em Braille, eu e uma outra pessoa. E consegui a
124 aprovação em duas universidades, me criticavam por eu ter a iniciativa de fazer os
125 dois cursos, mas acredito que, se Deus me concedeu essa vitória de estar em duas
126 universidades, eu iria honrar o que ele me deu, pois muitos tentam passar e não
127 conseguem. Ao cursar a universidade, se tornou mais acessível às minhas
128 necessidades, não na parte arquitetônica, mas na parte educacional, houve a
129 contratação de uma pedagoga para me dar apoio. Foi criado o núcleo de
130 acessibilidade na UEPA, o NAES. Lá na UEPA, então os professores vinham e
131 passavam um mês em Marabá e viajavam. Com isso, eu tive muito êxito, fiz
132 amizades com todos e fui aprovado com 95% das disciplinas. Fiquei retido em
133 apenas duas, mas consegui recuperar, pois era bastante participativo nas aulas.
134 Apesar do restaurante universitário, salas, banheiros que não eram acessíveis, o
135 legado ficou, hoje dá suporte a outros com deficiência. E a minha luta na
136 universidade não é só como acadêmico, mas como uma pessoa formador de ideias,
137 que promoveu a política de inclusão e políticas de integração estudantil. Não fui

138 apenas um academicista interessado em aprender e ter diploma de nível superior,
139 mas tive interesse em diversas participações em momentos nas universidades.

140 Trabalho com algumas pesquisas na área de inclusão, o último que fiz sobre
141 a conclusão de curso foi sobre o mercado e a pessoa com deficiência no município
142 de Marabá. Porque a pessoa com deficiência está fora do mercado de trabalho? Não
143 são inseridas no mercado? Particpei de várias reuniões, várias audiências no
144 Ministério Público, juntamente com o Conselho Municipal da [Pessoa com]
145 Deficiência e atualmente sou vice-presidente de uma Associação de Deficientes de
146 Marabá. As falas, os relatos, ouvi a palavra de pessoas com deficiência e ouvi a de
147 empresários que diziam que as pessoas com deficiência não queriam trabalhar, por
148 ter um benefício social. Que elas não procuravam essas oportunidades e que eles
149 não tinham condições de acessibilizar os espaços para elas desenvolverem esses
150 trabalhos. Mas vejo que faltava era um apoio do poder privado para oferecer a essas
151 pessoas oportunidades e ter mais crença em uma pessoa com deficiência.

152 E há uma luta da gratuidade no táxi para pessoas com deficiência, pois as
153 associações preferem pagar um valor para não carregar idosos e pessoas com
154 deficiências. Estive na luta, levamos o caso ao prefeito e ele revogou, quebrou o
155 decreto que dizia que associação teria que pagar um valor para não dar a
156 gratuidade. Diante disso, estamos dialogando com taxi lotação porque, por sua vez,
157 deve ser um transporte público que dê a gratuidade a deficientes, idosos e
158 estudantes.

159 E na empresa da qual eu faço parte, que é a Hinode, alguns falam: “deixa de
160 lado isso tudo e apenas me concentra no trabalho”, mas sei que não tem como, eu
161 estou inserido nesse contexto. A pessoa, assim, não tem como ela fugir da
162 realidade. Ah, eu posso ter um carro, mas certo momento eu vou precisar acessar
163 uma calçada, para que eu possa chegar a um restaurante; eu vou precisar de uma
164 acessibilidade para chegar em uma repartição bancária; vai que uma hora eu não
165 tenha esse carro [para] acessar esse espaço. A todo momento precisamos de
166 acessibilidade e pessoas como eu jamais vão deixar de lutar por esse espaço.

167 Em minha casa, eu ando sem bengala, não me choco em mesas nem
168 cadeiras, porém se estiver organizado da maneira que eu sei; se mudar,
169 automaticamente eu vou bater. Então acessibilidade nos dá um pouco de
170 independência [para] acessar um espaço, não havendo nós ficamos limitados. E
171 com isso, sempre pretendo lutar por esses direitos, seja em repartições públicas ou
172 mesmo privadas, ou mesmo na empresa da qual eu faço parte, discutindo a questão
173 da LIBRAS para pessoas surdas, que querem fazer parte da empresa da qual sou
174 participante. Levar o conhecimento de como funciona o plano de negócios, os
175 produtos... Eu estou a todo momento envolvido nessa questão de inclusão e penso
176 que não somos obrigado e nem capazes de aprender somente uma coisa, temos
177 que aprender inúmeras coisas. Claro que [nos] sairemos melhor em algumas mas
178 conhecer diversas coisas. Um exemplo seria a tecnologia assistiva, como uma
179 pessoa com deficiência visual utiliza o computador, como o surdo usa o celular...

180 Então estou sempre pesquisando, não paro, sempre dialogo e falo das
181 situações de acessibilidade. Na minha empresa, hoje tenho muitos sócios, o fato de
182 desenvolver o marketing de relacionamento, criação de umas equipes, me sinto
183 muito bem no que faço. A gente está diariamente lidando com a questão da
184 acessibilidade e apoiando os colegas universitários, os pesquisadores para ensiná-
185 los, pois na teoria e muito lindo, tem muitos artigos, teses... Na prática, por exemplo,
186 agora são poucos que sabem como funciona a história de uma pessoa com
187 dificuldades visuais. Alguns até perguntam: Como você faz para fazer a barba e

188 tomar banho e se trocar, Renato? Eu digo que eu mesmo pego minha roupa. A cor
 189 da minha camisa e de minha calça, minha esposa me diz uma vez e eu gravo. Então
 190 a gente vai aprendendo coisas, assim mesmo como vocês aprendem a caminhar, a
 191 falar, eu aprendo, e isso fica fixado na memória e eu não esqueço. É isso e um
 192 pouco de minha trajetória, espero que tenham gostado.

1 **Entrevistada 5: Fernanda, 19 anos, baixa visão, graduanda em Pedagogia.**

2 Boa tarde, me chamo Fernanda, tenho 19 anos de idade completo, moro na
 3 Liberdade, Boa Esperança município de Marabá. Vou contar um pouco do ensino
 4 básico, relatar pelo que eu passei por ser uma aluna com deficiência baixa visão. Eu
 5 tive muitas dificuldades, por não conhecer até então meus direitos.

6 Foi me negado, na verdade, a educação que no caso eu merecia, foi difícil,
 7 porque simplesmente eu passei de ano sem ter conhecimento algum; cheguei no
 8 ensino médio com a mesma história de não conseguir adquirir conhecimentos
 9 também. Foi já no terceiro ano do ensino médio que encontrei professores que me
 10 ajudaram realmente no processo de aprendizagem, foi a única série que eu guardo
 11 com boas lembranças.

12 Ao chegar aqui na universidade, já facilitou, por que eu achei que ia ser difícil
 13 como o ensino básico e não foi. Já estou há um ano e dois meses no curso de
 14 Pedagogia. Entrei no ano de 2016 e estou gostando bastante, os professores já são
 15 bem maduros e já conhecem como trabalhar com os alunos com deficiência. Eu não
 16 tenho tantas dificuldades, há pessoas que me ajudam na sala de aula, tenho um
 17 acompanhamento, isso é ótimo, por que é algo que eu não tive no ensino básico. Eu
 18 tenho dificuldades de atravessar a pista, eu não tenho ninguém para me trazer para
 19 universidade e nem para me levar de volta novamente, mas mesmo assim eu
 20 consigo ir e vir.

21 Eu fui atleta de natação por quatro anos. Desisti por que eu precisava
 22 estudar, precisando assim me dedicar mais para absorver o máximo de
 23 conhecimento, aqui na universidade eu sou forçada a aprender mesmo. Eu não
 24 cheguei com nenhuma bagagem, então eu tenho que aprender, mas na verdade eu
 25 estou me superando. Me enxergo como uma vencedora, superando cada dia que
 26 passa. Eu estou amando esse momento, essa nova fase que eu estou vivendo na
 27 minha vida.

28 Segundo os médicos, eu já nasci com essa deficiência que se chama
 29 Stargardt¹⁰. Eu não sabia dessa deficiência, só os professores perceberam quando
 30 ainda estava nas séries iniciais. Eu fiz vários exames, não acusando assim que eu
 31 tinha uma deficiência; foram usados vários óculos e nada resolveu meu problema.
 32 Chegando na fase de 13 anos, saí, fui conduzida até Teresina. A junta médica
 33 descobriu que é um caso bem raro, então foi a partir daí que eu tive direito a um
 34 benefício do governo e o passe livre, o qual me ajuda muito a não gastar dinheiro
 35 com passagem. Mas até antes de eu descobrir que tinha essa deficiência, eu ficava
 36 sem direção, por que eu não entendia o que estava acontecendo comigo e nem os
 37 professores. Muitos deles diziam que eu tinha um problema visual, mas qual
 38 problema visual? Por que nunca constava [dos exames].

39 A partir do momento que foi diagnosticado, o médico trouxe a mim toda
 40 realidade, que eu não vou ter a visão... Ele falou que não ia me enganar, na verdade

¹⁰ “A Doença de Stargardt é uma doença hereditária recessiva autossômica incluída no grupo de doenças maculares degenerativas (no caso de jovens trata-se de uma distrofia), que consiste na progressiva perda da acuidade visual em diversos níveis. Foi descoberta em 1909 por um oftalmologista de Berlim chamado Karl Stargardt”. Fonte: <http://stargardtbrasil.blogspot.com.br/p/doenca-de-stargardt.html>

41 o que eu tenho, eu vou ter pro resto da minha vida, e se eu tiver filhos, do mesmo
42 jeito. Ao passar do tempo, eu sempre vou perder a visão. O que ele me instruiu foi
43 para ler bastante para estimular a minha visão, para que assim eu não perca tão
44 rápido. Por esse motivo, eu optei pelo curso de Pedagogia, por ser um curso que
45 exige do aluno muita leitura.

46 Até os meus seis anos, eu conseguia enxergar na minha mesa, mas eu não
47 conseguia enxergar o que estava escrito no quadro. Eu fui alfabetizada em casa, fui
48 para escola sabendo ler e contar já, eu não tive essa dificuldade de alfabetização, e
49 por esse motivo eu não tive tanta dificuldade.

50 Foram os próprios professores que foram descobrindo minha deficiência
51 visual, eu sentava muito perto do quadro, eu não enxergava. Por isso eu falo: o dia
52 que eu chegar a me formar vai ser a grande felicidade da minha vida [...risos ...] Na
53 verdade, eu espero ser uma excelente pedagoga, eu quero trabalhar na área da
54 educação especial para ajudar as pessoas com deficiência, tanto visual e como
55 outras deficiências, também. Eu espero não só fazer essa graduação, mas fazer um
56 mestrado, um doutorado, quem sabe, eu espero muito isso, é o que eu estou
57 planejando.

58 O que eu tenho para falar [para] as outras pessoas com deficiência, é que
59 elas nunca desistam dos seus sonhos, os quais elas têm que seguir, vão existir
60 barreiras, sim, muitas, todo dia você vai enfrentar barreiras, obstáculos sempre vai
61 ter todos os dias, pelo menos eu enfrento. Por exemplo, atravessar uma pista todo
62 dia, sofro com isso. Eu quero passar essa mensagem para todos que nunca
63 desistam, por que desistir vai ser pior. Você vai ficar trancada no seu mundinho ali.
64 Eu tive essa liberdade de conhecer, de andar sozinha; é por isso que eu tenho essa
65 independência, eu não dependo de ninguém para ficar me acompanhando. Isso é
66 muito bom, isso tem de vir dos pais dar liberdade aos filhos, para eles não ter medo
67 do mundo na verdade, estes têm de ter conhecimento do mundo e aproveitar dele o
68 melhor.

69 Na universidade deveria melhorar a acessibilidade, pois eu vejo que não há
70 para o deficiente, e também as pessoas deveriam se conscientizar quanto a tirar as
71 cadeiras do corredor, é o que mais se vê. Há coisas que eu não vejo, tropeço e caio,
72 isso já se tornou normal para mim, eu não sinto mais vergonha. Então o campus
73 aqui tem de melhorar muito, apesar que eu não consigo andar por ele todo, mas a
74 maior parte que eu ando, eu não sinto essa acessibilidade. Para começar, também
75 deveria ter acessibilidade até dentro da sala mesmo, pro aluno acompanhar o
76 conteúdo, ter computadores, por exemplo.

77 O Brasil vai ter que avançar muito para chegar nessa acessibilidade que a
78 gente precisa, mas é isso, a gente tenta sobreviver. Eu estou num eclipse de
79 sobrevivência, a questão de adaptação de material, eu não sofro. O NAIA [Núcleo de
80 Acessibilidade e Inclusão Acadêmica] me ajuda bastante. Por exemplo, o *data-*
81 *show* o professor passa o conteúdo, eu não consigo ver e nem sei o que está
82 falando. Eu uso muito o meio de gravar as aulas, para eu poder acompanhar após
83 as aulas, ouvindo o que o professor falou.

84 A minha infância foi muito triste, foi uma fase muito difícil de minha vida que
85 eu lembro por que eu perdi meu pai muito cedo [choro]. Minha mãe teve de
86 trabalhar, ela não podia ficar comigo e minhas irmãs, então eu tive que me virar
87 sozinha para cuidar delas, uma de um ano e a outra com três anos de idade. Na
88 verdade, eu tenho uma irmã que me chama de mãe. Eu não tive infância, eu nunca
89 soube o que era brincar. Só depois que entrei na natação, aos 14 anos, que eu
90 soube o que era brincadeira. Minha mãe precisava trabalhar para nos sustentar, eu

91 cuidava pelo período da manhã de minha irmã e à tarde eu ia para escola, com toda
92 dificuldade. Por muitas vezes eu faltava às aulas por não me sentir bem dentro da
93 sala de aula. Os professores não entendiam e eu também não estava entendendo o
94 que havia comigo naquele momento, por que eu não enxergava, eu não conseguia
95 absorver os conteúdos do quadro. Minha mãe não sabia como me ajudar, pois ela
96 não tinha o conhecimento. É uma fase que eu nem gosto de lembrar, pois me
97 machuca muito. Minha mãe trabalhava na zona rural, depois de ser aprovada num
98 concurso público, e só vinha em casa duas vezes no mês. Os professores
99 chamavam a atenção de minha mãe por eu faltar muito às aulas.

100 Nós não tínhamos condições de fazer os exames naquela época. Chegou um
101 momento que a escola arrecadou o dinheiro para eu fazer os exames aqui em
102 Marabá mesmo. Vários exames foram feitos e nenhum acusou o que eu tinha na
103 visão, o médico só dizia que eu tinha um pequeno probleminha e indicava vários
104 óculos. Eu usei muito óculos para nada, na verdade só para jogar dinheiro fora. A
105 gente gastou o que não tinha.

106 Quando eu entrei na nataçãõ, o nosso técnico sempre tinha umas aulas com os
107 alunos da Metropolitana, ele mostrou então como brincar com os alunos com
108 deficiência. Foi aí que eu aprendi algumas brincadeiras que incluem o deficiente
109 visual e outros deficientes também. Foi muito bom, na fase dos catorze anos foi
110 melhor que minha infância.

1 **Entrevistado 6: Mário, 47 anos, cego, graduando em História**

2 Bom, me chamo Mário, sou cego, tenho apenas meio por cento do olho esquerdo,
3 minha visão é o que os oftalmologistas chamam de vulto. Eu já nasci cego, quando
4 criança, meus pais descobriram que eu não enxergava, então eles procuraram
5 recursos, na época, fui várias vezes em Belém, umas duas ou três vezes, cheguei a
6 fazer cirurgia no olho direito, que no decorrer do tempo não avançou muito, não
7 valeu muito a pena, também por falta de recurso, não retornei aos médicos, e na
8 época ele passou óculos para mim, valia apenas seis meses, os óculos venceram e
9 eu não tive mais oportunidade de voltar para continuar o tratamento. Nesse período,
10 meus pais se separaram, e fiquei sozinho, acabei indo morar com um tio no estado
11 do Maranhão, e lá também, devido à falta de condições, não dei continuidade no
12 tratamento da visão, foi quando eu perdi o olho direito.

13 A minha deficiência é glaucoma congênita, devido o glaucoma ela gerou catarata,
14 depois de adulto já passei várias vezes por vários médicos oftalmologistas, e eles
15 vieram a desenganar que não tem mais solução para o problema da minha visão,
16 cresci enxergando esse pouco que eu tenho, apenas vulto, que é o que me dá
17 autonomia para me locomover, andar, me deslocar de um lugar para outro, às vezes
18 com dificuldade, porque quando você não conhece o local, às vezes você tem
19 dificuldades.

20 Quando cheguei a idade escolar, onde eu morava não tinha recursos para estudar,
21 naquela época, final dos anos 70, já para os anos 80, ainda era muito difícil a
22 questão da educação para as pessoas cegas. Para o cego estudar tinha que se
23 deslocar do seu lugar de origem para as capitais porque só tinha aula para pessoas
24 cegas nas capitais dos estados, então era preciso que ele morasse lá, e como eu fui
25 criado sem meus pais, as pessoas que me criaram não atentaram bem para isso, foi
26 a questão que não pude estudar quando era criança.

27 Depois de adulto que eu fui procurar escola para estudar, depois que eu voltei para
28 Marabá em 98, mas só em 2005 que eu fui procurar um local para estudar, também
29 por falta de informação, uma amiga radialista descobriu que na Escola Jonas
30 Pontes Athias, tinha um Centro de Apoio, o CAP, Inácio Batista Moura, onde se
31 ensina até hoje as pessoas cegas, eu fui me alfabetizar em Braille, já com mais de
32 30 anos. Estudei o Braille durante um ano, lá no centro de apoio, o CAP, e depois
33 partir para o ensino básico, eu já estava avançado na idade, então tive que fazer o
34 EJA, fiz as quatro etapas do EJA e depois o ensino médio também no EJA, meu
35 ensino fundamental e médio foi de 2006 até 2011, concluí meu ensino médio, e
36 agora no ano de 2016 consegui entrar para uma vida acadêmica, passei pelo ENEM,
37 das várias vezes que eu fiz o ENEM, consegui passar para História.

38 A vida escolar da pessoa cega é mais complicada do que para as pessoas que
39 enxergam, porque o cego tem menos informações do que uma pessoa que enxerga,
40 porque uma pessoa que enxerga por onde ela anda, onde sua vista alcança,
41 consegue informações, em placas, outdoors, folhetos, então, coisas que um cego
42 não vai encontrar no dia a dia, e na escola não é diferente, porque o cego vai
43 precisar de um tempo a mais para poder aprender, também vai ter uma demanda de
44 mais pessoas ao seu lado, para que ele consiga estudar, como ele é alfabetizado
45 em Braille, os livros, os textos que os colegas estuda, ele não vai ter acesso ao
46 mesmo tempo em que o colega tem, porque tem que apanhar aquele texto na xerox
47 e pedir para outra pessoa fazer adaptação dele, escanear e imprimir em Braille, ou
48 mesmo, se ele tiver uma boa habilidade na máquina, pode pedir para alguém ler e
49 ele vai escrever para depois ler, se ele quiser fazer em um tempo mais rápido, se o
50 texto não for muito grande ele pode fazer, na máquina, mas quando é uma apostila,
51 um livro, um texto maior, ele vai precisar de que alguém faça uma adaptação, ou
52 seja, pegue aquele livro, escanear, e depois imprimir para que ele possa ler, e isso
53 requer muito tempo, então, sempre ele está atrasado na leitura, com seus colegas
54 de sala de aula que ao mesmo tempo que eles pegam uma apostila no momento
55 ele já ler, faz o que o professor pede, que não é o caso da pessoa cega. Na minha
56 época eu não era muito fã de tecnologia, eu queria ler, porque o computador ele te
57 ajuda mais, porque se professor tiver o texto em PDF ou em DOC, ao mesmo tempo
58 tu pode pegar o texto e ler aquele texto na sala, consegue fazer a tarefa que o
59 professor pede para ti fazer, mas se o professor tiver o texto, mesmo que seja em
60 PDF, e não seja um escaneamento bom, também não vai ajudar, porque o leitor de
61 tela do cego não vai ler no momento, assim, ele vai sempre precisar de outra
62 pessoa para fazer aquela adaptação para que ele possa ler.

63 Então a vida da pessoa que não enxerga na escola, é mais dispendiosa, mas nem
64 por isso a pessoa deve desistir, deixar de estudar porque a gente só alcança alguma
65 coisa com lutas mesmo, nada vem fácil, às vezes a gente pensa que é fácil, mas nós
66 temos que enfrentar os desafios e encarar e vencer na vida, porque se for pensar
67 que não é capaz, que não consegue, desistir antes, não vai valer a pena, as
68 dificuldades são grandes na sala de aula.

69 Em todo tipo de material, às vezes a gente pensa que é só nas exatas que é mais
70 uma dificuldade para o cego estudar, onde ele vai precisar também de adaptações,
71 se não tiver um equipamento bom para criar gráficos, para que ele possa tatear,
72 também não vai ajudar, então, é nesse momento que o professor tem que estar
73 preparado para interagir com aquele aluno, procurar meios, recursos para adaptar
74 seu material para que ele possa acompanhar também os seus colegas em sala.
75 Nesses momentos o cego se depara, com algumas situações difíceis porque o

76 professor, às vezes passou toda vida acadêmica, e a academia não preparou ele,
77 não teve um preparo para isso, quando chega na sala fica frustrado, porque ele
78 imagina, como que ele vai trabalhar com uma pessoa que não enxerga, eu ainda
79 acho que a academia deveria ter pelo menos uma disciplina, para ensinar pelo
80 menos o básico do Braille para os professores, para que quando eles saíssem da
81 academia e terem uma base ao menos para corrigir o trabalho da pessoa cega,
82 porque até isso é difícil para o professor.

83 O cego tá com a sua máquina na sala de aula, o professor passa o ditado de
84 palavras, então, tu escreve, o professor corrige as tarefas de todos os outros alunos,
85 mas a tarefa do cego não é corrigida, porque o professor não sabe ler em Braille,
86 quando ele tem ainda um tempo, se sobrar algum tempo, o cego pode ler ainda na
87 sala, isso já aconteceu comigo, ler aquela tarefa, aquele ditado de palavras que ele
88 escreveu, e eu fazia dessa forma, eu lia e dizia para o professor com quais letras eu
89 tinha escrito aquelas palavras, e se tivesse certo, ele dizia se estava certo, e se não,
90 ele dizia que estava faltando, que não era daquela forma que se escrevia, mas, isso
91 é raro de acontecer, porque uma sala de aula são muitos alunos, às vezes o
92 professor não dá conta nem mesmo dos que enxergam, então às vezes o cego
93 passa despercebido, muitas vezes nem a tarefa na sala ele não faz, isso aconteceu
94 várias vezes comigo, chegava na sala, sentava, colocava o papel na minha
95 máquina, e ele voltava da mesma forma que eu tinha colocado, muitas vezes o
96 professor pedia desculpas porque não deu para trabalhar, dá atenção, aquela tarefa
97 que estava em tinta, eu pegava, levava para o centro de apoio que na época que eu
98 estudava, ou às vezes depois, para sala de recursos quando estava no ensino
99 médio, eu ia escrever aquilo, se fosse um professor que ainda fosse outro dia na
100 semana, dependendo da disciplina, eu entregava, se não, só na outra semana que
101 eu entregava minha tarefa para o professor.

102 Então são várias as dificuldades que o cego encontra numa sala de aula, às vezes
103 ele tem que contar com uma ajuda de algum colega, que tenha a bondade e se
104 disponha a ajudar, ler para ele aquilo que o professor escreveu no quadro, aquele
105 colega, depois que ele escreve a tarefa dele, vai ler para o cego para que o cego
106 possa escrever aquela tarefa em Braille, isso quando os outros alunos deixam,
107 porque às vezes eles escrevem o que tem lá no quadro e depois eles não vão ler o
108 que eles escreveram, vão conversar entre si, e vai atrapalhar o cego, que tá
109 tentando já, por último fazer sua tarefa, contou já com a ajuda do colega, e às vezes
110 ele não consegue ouvir aquilo que o colega tá narrando, isso é um desgaste muito
111 grande para pessoa que não enxerga, isso já aconteceu várias vezes comigo na
112 sala de aula, isso acontece no ensino fundamental, acontece no ensino médio
113 também mas, ele consegue no final das contas fazer sua tarefa mesmo que ele não
114 faça tudo na sala, ele vai precisar recorrer, a outros professores, ele requer uma
115 demanda de professores, de pessoas, mais do que a pessoa que enxerga para ele
116 poder estudar, mesmo assim na sala de aula, o aluno pode frequentar o centro de
117 apoio, mesmo que ele aprendeu o básico, que foi o meu caso, da leitura, vai
118 surgindo pontos novos do Braille onde ele vai tendo dúvidas e sempre tem que está
119 indo na sala no centro de apoio para complementar os códigos, pontos do Braille
120 que ele não conhece no momento.

121 Dando continuidade, falei sobre, ensino básico, ensino fundamental e ensino médio,
122 dentro desses, nesse caminho, dentro dessa área, do ensino fundamental e médio,
123 a gente não deve também falar só de derrotas, dificuldades, se eu encontro, você
124 encontra também coisas, coisas boas, além de das amígdalas, as que você

125 consegue com os colegas, e a interação, isso é um, ponto fundamental, você passa
126 a interagir melhor com as pessoas, você também vai ter uma aula de mobilidade,
127 vai aprender a se deslocar de um lugar para outro, conquistar tua independência,
128 para ti poder andar e viver a tua vida como uma pessoa normal, tranquila. Dentro
129 dessa trajetória, deste caminho, uma coisa boa que surgiu na minha vida foi a área
130 do esporte, que também está nos direitos da pessoa com deficiência, tem direito a
131 esporte e lazer, muitas coisas e tal, eu caminhei para área da natação, na época
132 que eu estava já estudando, conheci o professor, começamos as aulas, eu me
133 integrei nessa área, para mim foi uma área boa, através da natação eu viajei por
134 vários lugares, viajo até hoje, e comecei praticamente do zero, eu tinha apenas
135 aquele nadozinho de rio, a pessoa nada apenas para brincar, mas não tinha
136 técnica, então eu fui iniciar do zero, muito mais tarde do que quando eu comecei a
137 estudar, comecei na área de natação aí no final de 2008, e já no ano de 2011, eu fui
138 o meu primeiro campeonato oficial, fui no CPB que é o Comitê Paralímpico, onde eu
139 até hoje, obtive muitos êxitos, ganhei medalhas, consegui ficar aí no primeiro do
140 ranking por várias vezes no nado peito, estou nessa área de natação em
141 campeonatos oficiais, de 2011 pra cá. Então todo ano nós estamos nessa batalha,
142 fazendo mais ou menos quatro campeonatos por ano, quatro circuitos, que é o
143 circuito CAIXA, que fazemos o regional e três etapas do nacional, ela tem me
144 possibilitado a ganhar medalhas, 2011 eu consegui poucas medalhas mas de 2012
145 pra frente ganhei o nacional e, daí pra cá consegui já bater recordes, inclusive hoje
146 o recorde de nado peito é meu, então, consegui ficar, sempre de 2012 pra cá entre
147 os três primeiros, o nado peito que é o meu nado mais forte.

148 Então, a vida não é só de derrotas, tristezas, dificuldades, certo? Que pra você
149 conseguir o que eu já consegui no esporte, na natação requer uma boa disciplina,
150 um bom treino pra que você possa chegar a seu objetivo, que nada vem sem
151 esforço, como eu falei antes, que eu entrei para a vida acadêmica, no curso de
152 História, foi algo novo pra mim, em tudo, porque, durante a minha trajetória de
153 estudo, na vida acadêmica foi onde eu vim encontrar uma pessoa, disponibilizada
154 pela faculdade, uma pessoa pra auxiliar na sala, então isso é bom pra vida do cego,
155 porque ele não vai depender dos seus colegas que já estão ocupados e
156 concentrados nos seu deveres, nas leituras, já não vão tirar o foco do que eles tão
157 fazendo para auxiliar a pessoa cega, então, é uma maneira que vem pra ajudar a
158 pessoa, não querendo dizer que aquela pessoa vai fazer as coisas para o cego, mas
159 ele vai ajudar, onde os olhos do cego não alcança, os olhos daquela pessoa pode
160 alcançar e vai narrar o que o professor não consegue fazer na sala de aula, aquela
161 pessoa vai interagir contigo e vai te mostrar o que está passando no momento em
162 que o professor está colocando na lousa, seja no data show, seja um filme, ele vai
163 narrar aquilo de uma forma mais clara para que você tenha mais ou menos uma
164 noção do que está se passando, então, depois que eu cheguei na vida acadêmica,
165 pra mim tá sendo é bom, maravilhoso, até agora tá dando certo, espero que
166 continue até o final do curso para que eu possa vir fazer um bom curso e terminar
167 com os meus colegas videntes.